

Transformação Digital na Contabilidade: Uma Análise da sua adoção em Portugal e da perceção dos contabilistas portugueses

Laura Patrícia Barreto Ribeiro

PROJETO DE MESTRADO

Curso: Mestrado em **Contabilidade e Finanças**

Orientadora: Professora Doutora Ana Clara Borrego

Coorientadora: Professora Doutora Augusta Ferreira

Ano Letivo: 2024 | 2025

AGRADECIMENTOS

A realização deste projeto não teria sido possível sem o apoio, a orientação e a colaboração de várias pessoas, às quais expresso a minha sincera gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço à Professora Doutora Ana Clara Borrego e à Professora Doutora Augusta Ferreira pela excelente orientação prestada ao longo de todo o processo de investigação. A sua disponibilidade constante, o rigor científico e os valiosos contributos foram fundamentais para o desenvolvimento e concretização deste projeto de mestrado.

Manifesto igualmente o meu agradecimento a todos os profissionais que se disponibilizaram para contribuir para este estudo, partilhando as suas experiências e perspetivas. A todos os participantes do *Focus group*, o meu obrigada, pois a sua colaboração e envolvimento foram essenciais para a recolha de dados e para a riqueza da análise realizada.

A todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste projeto, deixo o meu profundo agradecimento.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal compreender de que forma o processo de transformação digital da contabilidade está a decorrer em Portugal. A investigação recorreu numa abordagem qualitativa, através da realização de duas sessões de *Focus Group online* com contabilistas em diferentes níveis de transição digital na contabilidade, num total de dez participantes. Os participantes foram selecionados de forma a assegurar diversidade de perfis relativamente à adoção de tecnologias. A revisão de literatura permitiu contextualizar a evolução da contabilidade, o surgimento da contabilidade digital e evidenciar o nosso estudo como um *gap* de conhecimento em Portugal. Os resultados revelam que a implementação da contabilidade digital em Portugal está a ocorrer a várias velocidades, existindo, entre os participantes, por um lado, um conjunto de contabilistas que já se encontram num estado muito avançado de transição digital nos seus serviços, enquanto, no extremo oposto, se apresentam aqueles que ainda se encontram numa fase embrionária neste processo e nem conhecem as ferramentas digitais que o mercado já oferece. Apesar do reconhecimento generalizado da importância da adoção da contabilidade digital, devido, principalmente, à perceção de que quem não o fizer vai perder competitividade, subsistem preocupações com a segurança da informação, a necessidade de formação, e as dificuldades estruturais e de investimento que condicionam a sua implementação prática. Porém, são identificados alguns benefícios deste processo, dos quais se destacam os ganhos de tempo, devido à automatização de tarefas rotineiras, e o papel de maior valor acrescentado que os contabilistas podem exercer junto das empresas e instituições.

Palavras-Chave: Competências digitais; Contabilidade digital; Contabilistas; *Focus Group*; Transformação tecnológica.

ABSTRACT

This study has as its main objective to understand how the process of digital transformation in accounting is unfolding in Portugal. The research employed a qualitative approach, though two online Focus Group sessions with accountants at different stages of digital transition in accounting, involving a total of ten participants. The participants were selected to ensure a diversity of profiles regarding the adoption of technologies. The literature review helped to contextualize the evolution of accounting, the emergence of digital accounting, and highlighted our study as addressing a knowledge gap in Portugal. The results reveal that the implementation of digital accounting in Portugal is occurring at several speeds. Among the participants, there is, a group of accountants who are already at a very advanced stage of digital transition in their services, while at the opposite extreme, there are those who are still in an embryonic phase of this process and are not even familiar with the digital tools currently available in the market. Despite the widespread recognition of the importance of adopting digital accounting mainly due to the perception that those who do not do so will lose competitiveness concerns persist regarding information security, the need for training, and the structural and investment difficulties that hinder its practical implementation. However, some benefits of this process are identified, particularly time savings due to the automation of routine tasks, and the more value-added role that accountants can play within companies and institutions.

Keywords: Digital skills; Digital Accountants; Accountants; Focus Group; Technological Transformation.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ATT – *Active Teacher Training*

ERP – *Enterprise Resource Planning*

IA – Inteligência Artificial

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Social

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

IVA – Imposto de Valor Acrescentado

RPA – *Robotic Process Automation*

SNC – Sistema de Normalização Contabilística

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract	iv
Lista de Abreviaturas, Siglas e Símbolos	v
ÍNDICE GERAL	vi
Índice de Tabelas.....	viii
Índice de Anexos	ix
INTRODUÇÃO	1
Enquadramento e Justificação do Tema	1
Objetivo Principal e Específicos.....	3
Metodologia e Meios Utilizados	4
Limitações da Pesquisa/Trabalho.....	6
Estrutura Geral do Trabalho.....	6
CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA	8
1.1. Evolução da contabilidade	8
1.2. Contabilidade digital	10
CAPÍTULO II – PREPARAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO <i>FOCUS GROUP</i>	14
2.1. Caracterização dos participantes	14
2.2. Organização da Análise	15
2.3. Planeamento, condução e ética das sessões de <i>Focus Group</i>	16
CAPÍTULO III – <i>FOCUS GROUP</i> – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	18
3.1. Perceção geral sobre a contabilidade digital	18
3.2. Benefícios e desafios da digitalização	20
3.3. Mudança no papel do contabilista.....	22
3.4. Competências necessárias para a adaptação	24
3.4.1. Competências técnicas.....	25
3.4.2. Competências analíticas.....	26
3.4.3. Competências interpessoais (<i>Soft Skills</i>).....	26
3.4.4. A importância da formação contínua.....	27
3.5. Matriz de análise temática	28
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	38

Anexo 1- Email enviado aos participantes	38
Anexo 2 – Guião <i>Focus Group</i>	39
Anexo 3– Transcrição Sessão 1	42
Anexo 4 – Transcrição Sessão 2	60

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Níveis de adoção da contabilidade digital.....	15
Tabela 2 - Classificação dos participantes segundo o nível de adoção da contabilidade digital	20
Tabela 3 - Percepção dos contabilistas sobre os benefícios e desafios da transformação digital da contabilidade	21
Tabela 4 - Matriz de análise temática	29

Índice de Anexos

Anexo 1- Email enviado aos participantes	Erro! Marcador não definido.	8
Anexo 2 – Guião <i>Focus Group</i>	Erro! Marcador não definido.	9
Anexo 3– Transcrição Sessão 1		42
Anexo 4 – Transcrição Sessão 2		60

INTRODUÇÃO

Enquadramento e Justificação do Tema

A digitalização da contabilidade está intrinsecamente relacionada com a chamada Revolução Industrial 4.0, a qual provocou mudanças profundas na dinâmica do trabalho, envolvendo humanos, máquinas, tecnologia e processos em diversas áreas profissionais, incluindo na contabilidade (Onyshchenko et al., 2022). Esta transformação marca o início de uma nova era na contabilidade, a transição para o que é agora conhecido como Contabilidade 4.0. (Gonçalves et al., 2022).

Segundo Kruskopf et al. (2020), as mudanças promovidas por essa revolução têm implicações profundas no desenvolvimento da contabilidade, moldando a profissão de forma estrutural. Neste contexto surge o conceito de Contabilidade 4.0, que representa uma fase em que a contabilidade se integra com tecnologias emergentes, como a Inteligência Artificial (IA), o *Big data* e os sistemas ciberfísicos, promovendo uma transformação não apenas tecnológica, mas também estratégica na forma como os profissionais atuam (Aslanertik, & Yardımcı, 2019).

Para efeitos do estudo efetuado no âmbito deste projeto de mestrado, em vez de contabilidade 4.0, será adotado o termo contabilidade digital, o qual se refere especificamente à transição dos métodos contabilísticos tradicionais para processos tecnológicos, com recurso a *softwares* especializados, automatização de tarefas e gestão eletrónica da informação. Esta abordagem privilegia a eficiência e a praticidade, substituindo o uso de documentos em papel por procedimentos digitais e, em alguns casos, incorporando ferramentas baseadas em IA (Santos, 2021).

Esta transição para a era digital não é apenas uma necessidade, mas uma obrigatoriedade, porém, à medida que as entidades e organizações adotam sistemas digitais, os profissionais precisam de se reinventar e encorpar essas tecnologias para se manterem atualizados e alinhados com o desenvolvimento do setor (Ferreira, 2021). O processo de adoção da contabilidade digital é complexo e, embora ofereça soluções eficazes no momento, com a evolução rápida das tecnologias pode facilmente tornar as

ferramentas atuais obsoletas. Implicando, assim, a atualização constante e adaptação de modo a acompanhar a evolução (Jasim & Raewf., 2020).

A este propósito, Gonçalves et al., (2022) afirmam que o avanço da contabilidade digital implica variados desafios, como a necessidade de adaptar todos os processos estabelecidos e o investimento significativo em infraestruturas e formação.

Segundo Kanaparthi (2024), a razão para a transformação é motivada por diversos fatores prementes. A procura por eficiência operacional, a necessidade de cumprimento de regulamentos em constante renovação e a requisição de relatórios precisos em tempo real, são apenas alguns dos motores dessa mudança. Nesse contexto, a introdução da IA surge como peça-chave, proporcionando a otimização de processos rotineiros e capacitando os contabilistas a desempenharem um papel mais estratégico, oferecendo dados cruciais à tomada de decisão (Ferreira, 2021).

Essa modificação não é isenta de resistências, particularmente entre os contabilistas, que enfrentam a pressão de se adaptarem ao novo paradigma digital. Mujiono (2021), destacou a ansiedade sentida pelos contabilistas face à substituição das suas funções tradicionais, o que gera insegurança e reforça a necessidade de adaptação a este novo cenário. O medo de serem substituídos pelas novas tecnologias também prevalece entre os contabilistas, Mohammad et al. (2020) realizaram um estudo que aborda a probabilidade de 95% das funções do contabilista serem assumidas por máquinas, no entanto, os autores acreditam que surgirão novas oportunidades para estes profissionais oferecerem outros serviços de maior valor acrescentado às empresas e entidades com as quais trabalham.

O foco deste projeto de mestrado reside no envolvimento e adoção das novas tecnologias pelos contabilistas portugueses nos processos e procedimentos da sua atividade, visando compreender a forma como a adoção da contabilidade digital está a decorrer em Portugal. Para atingir esses objetivos, foi utilizada uma metodologia qualitativa, com destaque para a realização de *Focus Group*. Com a utilização deste método pretende-se dar contributos para a compreensão acerca do entendimento e envolvimento dos contabilistas em relação à contabilidade digital.

Este estudo não aborda apenas uma temática atual e relevante, mas também revela a

essência crítica da adoção dos profissionais da contabilidade digital, promovendo uma discussão substancial sobre os impactos, desafios e oportunidades decorrentes dessa transformação.

Objetivo Principal e Específicos

O presente projeto de mestrado visa abordar, de maneira abrangente, a dinâmica envolvente da adoção da contabilidade digital sob a perspectiva dos contabilistas certificados em Portugal.

Partindo do reconhecimento de que a transição digital é um desafio crescente na profissão, coloca-se a seguinte questão de investigação:

Qual é a perceção dos contabilistas portugueses sobre o processo de adoção da contabilidade digital em Portugal?

A identificação desta questão orienta o desenvolvimento da investigação e estrutura os seguintes objetivos principal e específicos.

Objetivo principal:

- Conhecer a forma como a adoção da contabilidade digital está a decorrer em Portugal.

Objetivos específicos:

- Compreender os principais benefícios e desafios que os contabilistas portugueses associam à adoção da contabilidade digital.
- Conhecer a perceção dos contabilistas portugueses sobre a importância da adoção da contabilidade digital.
- Identificar as competências que os contabilistas portugueses consideram essenciais para a adoção da contabilidade digital.
- Conhecer as perceções dos contabilistas sobre as alterações necessárias nos serviços prestados, e no papel a desempenhar pelo contabilista nas empresas e entidades, em consequência da digitalização da contabilidade.

Estes objetivos refletem o compromisso de dar contributos para o entendimento sobre a contabilidade digital do ponto de vista dos contabilistas portugueses.

Metodologia e Meios Utilizados

A metodologia elegida para este estudo é qualitativa e a recolha de dados é efetuada com recurso ao *Focus Group*. De acordo com Hennink (2013, p.1), “As discussões em grupos focais enquadram-se na tradição da investigação qualitativa. O nome do método define as suas principais características, na medida em que envolve um foco em questões específicas, com um grupo pré-determinado de pessoas, participando numa discussão interativa – portanto, uma discussão em grupo focal.”

O *Focus Group* é uma abordagem qualitativa que permite explorar experiências, atitudes e opiniões distintas de maneira interativa e dinâmica, que já foi utilizada em outros estudos na área da contabilidade (Tiwari & Khan, 2020; Figueiredo et al., 2023).

Assim com a aplicação da metodologia *Focus Group* pretendeu-se captar, de maneira abrangente, as perceções dos contabilistas portugueses quanto à temática em estudo, enriquecendo a compreensão do tema em questão. De modo a obter mais perspetivas foram realizadas duas sessões (Silva et al., 2014).

A aplicação do método foi dividida em seis fases:

1. A seleção dos participantes: a qual foi feita com base em critérios específicos, como a experiência profissional e o envolvimento com a contabilidade digital, procurando a diversidade de perspetivas.

O nosso processo de escolha dos participantes no *Focus Group* baseou-se na teoria da difusão da inovação, a qual defende a existência de vários níveis de aplicação, desde os pioneiros aos resistentes, aquando do surgimento de um processo inovador (Rogers, 2003). Nesse sentido, a seleção dos participantes foi feita com base no seu grau de envolvimento com a inovação, de modo a garantir a representação adequada de cada uma dessas categorias no estudo.

Nesse sentido, a seleção dos participantes teve em consideração diferentes níveis de contacto com a contabilidade digital, pretendendo-se, assim, incorporar, em cada

sessão, desde os contabilistas que já implementam consistentemente práticas de contabilidade digital avançadas até aqueles que apresentam uma maior resistência em adotar estas novas práticas, que classificámos como contabilistas que utilizam o método tradicional.

É importante esclarecer que considerámos que o método tradicional consiste na utilização apenas das tecnologias impostas/disponibilizadas pelo Estado, como o envio de dados fiscais através de SAF-T, a entrega de declarações fiscais e parafiscais via *internet*, bem como a integração do e-fatura para o lançamento de transações.

Assim, depois da seleção, realizaram-se duas sessões, com pequenos grupos, nos quais estava garantida a integração de contabilistas que utilizavam o método tradicional e outros mais avançados na introdução de tecnologias ao serviço dos seus serviços de contabilidade.

2. Desenvolvimento do roteiro de discussão, englobando tópicos como a percepção inicial quanto à contabilidade digital, fatores que influenciam e condicionam a sua adoção, desafios de implementação, mudanças nas funções tradicionais e sugestões para uma implementação bem-sucedida. Neste ponto, seguimos um guião semiestruturado;

3. Condução dos *Focus Group*, onde foi proporcionado um ambiente confortável e propício à discussão aberta;

4. Gravação e transcrição, as sessões *online* foram gravadas, de forma a garantir a precisão das transcrições (para tal, foi necessária a autorização expressa dos participantes). As gravações serviram de base à análise dos dados qualitativos;

5. Análise de dados, serão onde foram identificados padrões, temas e estratégias a adotar na transição para contabilidade digital. O tratamento dos dados foi realizado com recurso ao software específico, MAXQDA, e recurso à codificação de variáveis a analisar (Desafios da adoção da contabilidade digital, benefícios da adoção da contabilidade digital, papel do contabilista, competências necessárias);

6. O relatório Final foi elaborado apresentando os resultados da análise do *Focus Group*.

Limitações da Pesquisa/Trabalho

A investigação realizada no âmbito deste projeto de mestrado enfrentou algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. Em primeiro lugar, destaca-se o número reduzido de participantes nos *Focus Group*, contando com cinco contabilistas certificados por cada sessão, limitando a diversidade de perspetivas e a amplitude da análise.

A natureza qualitativa da metodologia adotada constitui uma segunda limitação. A interpretação dos dados recolhidos nos *Focus Group* está sujeita à subjetividade inerente a este tipo de abordagem, podendo refletir vieses de análise, tanto por parte dos participantes como dos investigadores.

Adicionalmente, o formato *online* poderá ter influenciado a dinâmica das interações, limitando a espontaneidade das respostas e a riqueza do debate, fatores que, em contexto presencial, poderiam ter sido mais explorados.

Por último, o estudo concentrou-se exclusivamente nas perceções dos contabilistas certificados, não incluindo a visão de outros agentes relevantes, no processo de digitalização da contabilidade, como empresas, clientes ou organismos reguladores, o que restringe a abrangência das conclusões alcançadas.

Estrutura Geral do Trabalho

O projeto encontra-se dividido em cinco seções, começando com a introdução, três capítulos e a conclusão. Esta organização visa assegurar uma abordagem lógica e sequencial do tema em estudo.

A introdução apresenta o enquadramento da investigação, a formulação do problema, a definição de objetivo principal e específicos, a metodologia adotada e a estrutura do trabalho.

No capítulo I procede-se à revisão de literatura, abordando a evolução da contabilidade, a emergência da contabilidade digital e as novas exigências formativas impostas pela transformação tecnológica. Esta análise teórica fornece o suporte

conceptual necessário para a compreensão dos fenómenos analisados, bem como identificar este estudo como um *gap* de conhecimento científico.

O capítulo II descreve a componente metodológica do estudo, detalhando o processo de preparação, realização e organização das sessões de *Focus Group*. São abordados os critérios de seleção dos participantes, os cuidados éticos adotados e a estrutura das sessões.

O capítulo III apresenta e discute os resultados obtidos através das sessões de *Focus Group*. A análise encontra-se organizada em cinco eixos temáticos: 1. Perceção geral sobre a contabilidade digital; 2. Benefícios e desafios da digitalização; 3. Mudança no papel do contabilista; 4. Competências necessárias para a adaptação; e 5. Matriz de análise temática. Esta estrutura permitiu articular os testemunhos dos participantes com os contributos da literatura, promovendo uma leitura crítica e contextualizada das perceções recolhidas.

Por fim, a conclusão sintetiza os principais resultados obtidos, reflete sobre o alcance dos objetivos definidos, reconhece as limitações da investigação e apresenta sugestões para futuros trabalhos.

CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA

1.1. Evolução da contabilidade

A contabilidade, como prática fundamental de registos e interpretação de transações financeiras, possui uma história rica que se estende por milénios. Desde os primórdios das sociedades humanas até os dias atuais, a contabilidade tem desempenhado um papel crucial na organização da sociedade e compreensão das atividades económicas (Carreira et al., 2022).

Não existe um ponto exato de origem da contabilidade na civilização, mas segundo Costa et al. (2023) estima-se que há cerca de 20.000 anos surgiram os primeiros vestígios de uma tentativa de controlo de património. Esses vestígios, conhecidos como contas primitivas, consistiam em marcas ou desenhos feitos em placas de barro, argila ou nas paredes das grutas. Mesmo antes da existência da escrita, da moeda ou dos números, o autor afirma que já existia contabilidade através de inventários, “Sendo mostrado que é tão antiga quanto a presença do homem em atuação económica” (Costa et al., 2023, p. 26965).

Com o progresso da história, a invenção do papiro e do cálamo proporcionou uma maior facilidade e sofisticação no registo contabilístico das atividades económicas, marcando um avanço significativo nos métodos de documentação financeira (Costa et al., 2023). De acordo com Carvalho (2018, p.3) “O surgimento da contabilidade se confunde com a história da própria humanidade, uma vez que recentes trabalhos arqueológicos encontraram vestígios da utilização de sistemas contabilísticos na pré-história, durante o período mesolítico (10.000 a 5.000 a.C.)”.

Chegando à idade média, durante os séculos XI até ao século XV, devido a uma expansão mercantil e comercial, os registos contabilísticos começam a expandir-se num cenário mundial (Costa et al., 2023). Segundo Costa (2020), nos séculos XIII e XIV surgiram os primeiros registos de contabilidade com alguma semelhança com os que conhecemos atualmente, demonstrando que estes pretendiam organizar a informação da empresa, de modo a controlar as suas entradas e saídas de recursos, bem como o património detido.

Também, na perspectiva da evolução histórica, Ribeiro (2013) afirmou que, no século XV, com o método das partidas dobradas, criado pelo Frei *Luca Pacioli*, a contabilidade passou a ser considerada como uma ciência. Este método mostra-se de elevada importância por se manter até aos dias de hoje. Sendo, ainda, a base dos sistemas contabilísticos do século XX e XXI, quer das normas internacionais, quer das normas internas dos diversos países, nomeadamente Portugal.

No mesmo contexto, Bryer (2005) enfatizou o papel da contabilidade na transição do feudalismo para o capitalismo, considerando-a uma prática social enraizada em transformações económicas e sociais. Com a Revolução Industrial e o capitalismo, houve um avanço na contabilidade, uma vez que a informação contabilística passou a ser disseminada entre as sociedades comerciais em desenvolvimento. Foi durante esse período que surgiram as primeiras teorias empíricas da contabilidade (Carreira et al., 2022).

Acresce que, Borges et al. (1998) referiram-se à revolução industrial como o movimento económico-político que resultou no desenvolvimento da produção capitalista e, conseqüentemente, melhoria do método contabilístico, pois havia necessidade de controlar as relações económicas em crescente. Com isto, a contabilidade que possuía um papel de natureza jurídica, começa a sofrer alterações tornando-se, também, e cada vez mais, uma fonte de informação que permite fornecer o conhecimento das situações, bem como o seu desenvolvimento.

Ao passar por transformações, especialmente no âmbito da técnica contabilística, a contabilidade ampliou o seu alcance. A sua influência estendeu-se para além das fronteiras das empresas locais, ganhando aplicação em escala global, alcançando diversos setores e regiões ao redor do mundo. A este propósito, Costa e Alves (1997, p.34) enunciaram que “a contabilidade tem vindo a modificar-se e, obviamente, tem acompanhado o progresso social e, em especial, o desenvolvimento económico e técnico”.

Chegando à atualidade com o surgimento da Contabilidade digital, os contabilistas são compelidos, mais uma vez a adaptar-se ao contexto envolvente e a modernizar os seus métodos de trabalho, necessitando de uma capacidade analítica das empresas e o domínio de ferramentas tecnológicas avançadas (Kroon et al., 2021). Essas tecnologias

permitem a automação de processos rotineiros, otimizando a eficiência operacional e libertando tempo para atividades estratégicas e de maior valor acrescentado (Carreira et al., 2022).

1.2. Contabilidade digital

O cenário económico e de mercado atual exige que as empresas ajustem constantemente as estratégias, de forma a melhorar a rentabilidade e eficiência, respondendo às mudanças tecnológicas que impactam os indicadores-chave, tornando-se essencial que a contabilidade esteja à altura de responder a estes desafios empresariais (Soni et al., 2019).

Neste contexto, à medida que os volumes de dados financeiros aumentavam e as operações comerciais se tornavam mais complexas, as abordagens tradicionais da contabilidade começaram a mostrar-se insuficientes e obsoletas (Gulin et al., 2019). Para procurar dar solução àquele problema foram desenvolvidas soluções a nível de *software* contabilístico e outros avanços tecnológicos que têm vindo a permitir a automação de processos contabilísticos e a integração de dados em tempo real (Oncioiu et al., 2019).

Com os avanços da Inteligência Artificial (IA) e a sua disseminação crescente, o *Big Data* e o armazenamento em nuvem, a contabilidade tende a reformular-se e a adaptar-se à nova realidade, surgindo assim o conceito de contabilidade digital e marcando o início da era da indústria 4.0 (Yoon, 2020).

Esta nova realidade possibilita a integração crescente da digitalização de processos e pela substituição gradual de recursos humanos nas tarefas rotineiras por algoritmos (Oncioiu, et al., 2019). Essa mudança de paradigma redefiniu a forma como os contabilistas podem processar, produzir e interpretar as informações financeiras, nomeadamente utilizando a IA, exigindo, porém, a aquisição e atualização de diversas competências (Origuela, 2017).

De acordo com Origuela (2017), neste contexto, a contabilidade digital surge não só para melhorar a eficiência operacional dos contabilistas que já aderiram a esta nova

realidade, como também para proporcionar uma maior transparência e precisão nas informações financeiras. A globalização dos mercados e a crescente complexidade das atividades empresariais, trouxe a necessidade de informações precisas e instantâneas para que os gestores possam tomar decisões mais assertivas e competitivas em tempo real. Este novo paradigma, não é apenas uma realidade local, mas sim uma tendência global impulsionada por avanços tecnológicos, impondo adaptações nas competências dos contabilistas, destacando a necessidade de atualização constante para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades proporcionadas por essa revolução na área da contabilidade (Origuela, 2017).

A este propósito, Carvalho (2018, p.13) refere que “A contabilidade e a tecnologia digital estão sempre ligados, e a tendência é que cada vez mais os benefícios sejam expandidos. Essa nova tecnologia aliada a profissionais capacitados e competentes levará o exercício da profissão contábil a um nível jamais antes visto.”

Neste sentido, a implementação de ferramentas digitais e sistemas automatizados permitem tornar os processos contabilísticos mais eficientes, permitindo reduzir o tempo gasto em tarefas operacionais e aumentar a precisão das informações financeiras (Letaifa & Salem, 2023). No entanto, este avanço também traz desafios, como a necessidade de formação contínua e resistência à adoção de novas tecnologias (Cardinali et al., 2023). Muitos contabilistas enfrentam dificuldades na transição para ambientes digitais, especialmente devido à falta de formação específica na sua educação académica (Martins & Francisco, 2021).

Na literatura existente sobre esta temática, um dos temas abordados é a urgência de mudar métodos e mentalidades. A este propósito, Yoon (2020) defende que o contabilista deve adotar mudanças tecnológicas para se adaptar ao sistema. No mesmo contexto, Hoffman (2017) afirma que aqueles que não acompanharem a evolução tecnológica correm o risco de perder os seus empregos, refere, ainda, que o contabilista deve deixar de ser cético, pois as máquinas não substituirão a mão de obra humana, pelo contrário facilitarão o seu trabalho e proporcionarão uma nova perspetiva ao trabalho e às funções dos contabilistas.

Outros autores focam-se na resistência dos profissionais à mudança. A este propósito, há alguns estudos, como Frey e Osborne (2017), Boylan et al. (2018) e Moll e

Yigitbasioglu (2019), que destacam a resistência dos contabilistas relativamente ao processo de digitalização da contabilidade, por receio de serem substituídos pelas tecnologias, bem como estudos que se preocupam com o novo papel que os contabilistas podem assumir nas organizações, por ficarem livres de um conjunto de tarefas rotineiras (Thompson, 2017; Boylan et al., 2018; Gonçalves et al., 2022).

Apesar da resistência à mudança, como referem Berikol e Killi (2021), muitas são as empresas que se encontram a mudar o seu paradigma de modo a acompanhar a evolução da contabilidade, usando ferramentas inovadoras, através de sistemas integrados, rendendo-se à contabilidade digital. Uma das novas tecnologias utilizadas é a implementação dos *Enterprise Resource Planning* (ERP) que proporcionam novas oportunidades, exigindo que os contabilistas se adaptem às mudanças tecnológicas para permanecerem relevantes. Os ERP descentralizaram a contabilidade de gestão, automatizando processos, mas a colaboração humana é crucial para corrigir falhas e agregar valor ao uso dessas ferramentas. Embora tragam benefícios, também apresentam desafios, como a necessidade de proteção contra a perda de dados e fraudes (Silva, 2021).

Um exemplo prático desta transformação é apresentado no estudo de caso conduzido por Vieira (2023) sobre o grupo Nors. A investigação destaca a aplicação de sistemas de ERP e *Robotic Process Automation* (RPA), e verificou que a utilização destas tecnologias revolucionou os processos contabilísticos do grupo, automatizando as tarefas repetitivas e libertando recursos para desenvolver análises estratégicas. O sistema ERP, ao integrar diversos processos em uma única plataforma, facilita o fluxo de informações e melhora a precisão dos dados financeiros, por sua vez o RPA pretende aumentar a eficiência e reduzir os erros operacionais nos processos manuais, automatizando os mesmos. Esta digitalização não só possibilita a transformação do papel do contabilista como otimiza o desempenho das organizações (Kanaparthi, 2024).

Estas inovações demonstram como a indústria 4.0 com a adoção de sistemas de ERP, a utilização de *Big data* e IA trouxe uma nova dimensão à contabilidade, ao permitir combinar tendências financeiras e otimização da tomada de decisão com a capacidade de adaptação e inovação (Silva, 2021). Não só impulsionou a digitalização da

contabilidade como está a redefinir o papel do contabilista. De acordo com Gonçalves et al. (2022), em Portugal, este processo, nos gabinetes de contabilidade, ainda está no seu início. A adoção da contabilidade digital tem sido gradual devido à implementação do Sistema de Normalização Contabilística (SNC), que alinou as práticas contabilísticas do país às normas internacionais. Porém a evolução das tecnologias intensifica-se na segunda década do século XXI (Gonçalves et al., 2022).

Numa perspetiva, ainda, um pouco mais inovadora da contabilidade, já há autores, como Covas et al. (2022) que defendem que a tendência esperada da digitalização da contabilidade está alinhada com a visão da contabilidade 5.0, que se insere dentro do contexto mais amplo da Indústria 5.0. A contabilidade 5.0, de acordo com Covas et al. (2022), é caracterizada não só pelos avanços tecnológicos, mas, também, pela personalização dos serviços contabilísticos e por uma melhor interação do ser humano com a IA, com uma preocupação principal voltada para a sustentabilidade. Espera-se que esta transformação tecnológica reconfigure a natureza do trabalho contabilístico, exigindo que os contabilistas certificados desenvolvam novas habilidades técnicas relacionadas com as tecnologias.

Finda a nossa revisão de literatura, tanto quanto é do nosso conhecimento, só existe sobre a realidade portuguesa um único estudo que analisa a adoção da contabilidade digital (Gonçalves et al., 2022). Porém, o estudo encontra-se centrado em entrevistas a três empresas de contabilidade que já aderiram à transformação digital dos seus serviços. Por essa razão, o nosso estudo é inovador e diferenciador, por pretender ter as perspetivas dos contabilistas que já aderiram à era digital, os que pretendem aderir, e os que têm um perfil mais tradicional, bem como pela utilização do *Focus Group* para recolha dos dados a tratar.

CAPÍTULO II – PREPARAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO *FOCUS GROUP*

2.1. Caracterização dos participantes

Foram realizadas duas sessões de *Focus Group*, contando com um total de 10 contabilistas certificados cada, selecionados com base na diversidade de experiência e contacto com a contabilidade digital. Tal como já foi referido, o critério de seleção seguiu a teoria da difusão da inovação (Rogers, 2003), procurámos incluir participantes com diferentes perfis profissionais na sua relação com a contabilidade digital:

- Contabilistas que já utilizam tecnologias avançadas, como automatismos e inteligência artificial, e que defendem a transição para um modelo de contabilidade totalmente digital;
- Profissionais que já iniciaram a transição digital, mas que ainda enfrentam desafios na implementação completa dos processos digitais;
- Contabilistas que demonstram alguma aversão ou dificuldade na mudança, por receio, falta de recursos ou exigências legislativas e regulamentares que dificultam a adoção de ferramentas digitais.

Este critério permitiu que as discussões refletissem diferentes graus de envolvimento com a transformação digital e proporcionassem um panorama abrangente da realidade da contabilidade em Portugal.

Foi possível categorizar os participantes em diferentes níveis de adoção da contabilidade digital, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Níveis de adoção da contabilidade digital

Nível de adoção	Características da contabilidade/contabilistas
Alta adoção	Utilização plena de ferramentas digitais (<i>bot</i> , RPA, ERP, <i>Cloud</i>)
Adoção moderada	Implementação parcial de tecnologias digitais (submissão de obrigações fiscais e parafiscais via <i>internet</i> , arquivo digital e utilização dos tradicionais programas profissionais de contabilidade com utilização da totalidade, ou a maioria, das suas potencialidades). Reconhecimento dos benefícios, mas dificuldade na integração total, devido a constrangimentos internos e externos.
Resistência à adoção	Adesão lenta às tecnologias digitais (utilização dos documentos físicos e utilização dos tradicionais programas de contabilidade para realização de lançamentos manuais, submissão via <i>internet</i> só das obrigações fiscais e parafiscais obrigatórias por essa via). Valorizam métodos digitais, mas desconhecem a totalidade dos avanços tecnológicos existentes e as suas potencialidades. Expressam receios quanto à segurança e custos. Demonstram não ter competências tecnológicas para fazer a transição digital.

Fonte: Elaboração Própria

Tal diversidade foi crucial no desenvolvimento do estudo, para compreender os diferentes ritmos e desafios da digitalização da contabilidade no contexto nacional.

2.2. Organização da Análise

Para facilitar a interpretação dos dados, a análise das discussões foi estruturada em temas principais, identificados a partir da codificação das respostas dos participantes. Os temas discutidos foram:

- Percepção geral sobre a contabilidade digital – Como os contabilistas encaram a digitalização e qual o seu nível atual de envolvimento;
- Benefícios e desafios da digitalização – Impactos positivos e dificuldades identificadas pelos profissionais;

- Mudanças no papel do contabilista – Transformação da profissão e novas exigências para os contabilistas na era digital;
- Competências necessárias para a adaptação – Habilidades técnicas e interpessoais que os contabilistas consideram fundamentais para acompanhar esta transição.

2.3. Planeamento, condução e ética das sessões de *Focus Group*

A realização das sessões de *Focus Group* exigiu uma preparação prévia, de modo a assegurar não só a qualidade da recolha de dados, mas também o cumprimento de princípios éticos fundamentais.

Os participantes foram convidados diretamente pela investigadora (anexo 1), com base nos critérios previamente definidos e alinhados com a teoria da difusão da inovação (Rogers, 2003), de forma a garantir a diversidade de perfis quanto à adoção da contabilidade digital.

As sessões foram realizadas em formato *online*, via zoom, garantindo acessibilidade a todos os participantes. Foram agendadas as sessões nos seguintes dias e horários após análise da disponibilidade dos participantes:

sessão 1: 28 de novembro de 2024 às 15.30h e

sessão 2: 5 de dezembro de 2024 às 19h.

Cada sessão teve a duração aproximada de 90 minutos e foi conduzida pela investigadora, que atuou como moderadora. O guião semiestruturado (anexo 2) utilizado orientou a conversa para os principais temas de investigação, promovendo a flexibilidade e espontaneidade nas intervenções.

Durante ambas as sessões, estiveram presentes a orientadora e a coorientadora do projeto, na qualidade de observadoras, garantindo maior rigor e controlo metodológico. A presença das professoras foi fundamental e as intervenções durante os debates revelaram-se cruciais, não só para clarificar alguns conceitos, mas também para aprofundar reflexões que se revelaram especialmente relevantes para os objetivos do estudo.

A investigadora, bem como as orientadoras mantiveram uma postura imparcial e objetiva ao longo de todo o processo, evitando interferências ou sugestões que pudessem condicionar as respostas dos participantes.

Em termos éticos foi referido no início de cada sessão que a mesma seria gravada para posterior transcrição e análise dos dados, situação que mereceu a concordância de todos os participantes. Foi garantida a confidencialidade e o anonimato dos participantes, substituindo os nomes por códigos (P4, P5, etc.) e os nomes de localidades por expressões genéricas, como “localidade x”.

As sessões gravadas foram usadas exclusivamente para a elaboração das transcrições e posterior análise de conteúdo. Este processo foi fundamental para assegurar a fidelidade e a veracidade da análise qualitativa. As transcrições completas encontram-se nos anexos 3 e 4, com as medidas de garantia do anonimato dos participantes devidamente aplicadas.

Para realizar as transcrições foi utilizado o programa MAXQDA. Na transcrição foram corrigidos alguns erros gramaticais, bem como palavras sem sentido derivadas de erros das transcrições das sessões por meios digitais. Foram, ainda, retiradas algumas partes de texto que geradoras de alguma confusão ou repetição e substituídas por (...). Por fim, para facilitar a consulta e compreensão futuras dos textos transcritos, foram acrescentadas algumas palavras ou expressões, que se subentendiam, mas que não foram ditas exatamente daquela forma pelos participantes, mas que auxiliam a compreensão do leitor (todas essas palavras/expressões encontram-se entre []).

Nas transcrições, as intervenções da autora encontram-se identificadas com a letra A, as orientadoras, encontram-se identificadas com as letras O e CO, para a Orientadora e Coorientadora, respetivamente. As intervenções dos participantes encontram-se codificadas com a letra P (e o número da ordem de intervenção na sessão), seguido do número da sessão identificadas como S1 ou S2.

CAPÍTULO III – *FOCUS GROUP* – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Percepção geral sobre a contabilidade digital

As discussões nas sessões de *Focus Group* revelaram diferentes percepções dos contabilistas face à contabilidade digital, refletindo um setor em plena transformação. Alguns participantes reconhecem que a digitalização é um processo inevitável e necessário, salientando as mais valias do uso de *softwares* e automatismos no seu dia a dia, (“Já não consigo viver sem isso” - P6, S1).

Enquanto alguns participantes se mostram entusiastas e já integram um conjunto alargado de soluções digitais no seu quotidiano profissional, outros revelam insegurança, desconhecimento, ou resistência à adoção de novas tecnologias. Esta diversidade de posicionamento é coerente com a teoria da difusão da inovação de Rogers (2003), que distingue perfis de adoção em processos de mudança, desde os inovadores e pioneiros até aos mais reticentes.

Durante as sessões de *Focus Group*, vários participantes, principalmente pioneiros na alteração de paradigma para a contabilidade digital, demonstraram uma atitude positiva em relação à transformação da contabilidade, considerando uma evolução necessária e irreversível para acompanhar as exigências do mercado, (“Eu pessoalmente não voltaria a era do papel.”, “E é bastante mais rápido e bastante melhor em termos da contabilidade digital.” - P5, S2, “O que vai contar ou aquilo que é o maior partido que vamos tirar daqui é de facto ficarmos com mais tempo para acrescentar valor ao cliente no serviço prestado” – P13, S2, “é um caminho, que no meu ponto de vista, não terá retorno” - P6, S1), para estes profissionais, a contabilidade digital representa progresso, inovação e até alívio face à carga repetitiva de tarefas.

Esta percepção está alinhada com o que defendem Berikol e Killi (2021), que consideram que a transformação da contabilidade não irá substituir o profissional, mas exige que este se reposicione e se adapte, passando de executor técnico para parceiro estratégico do cliente.

Contudo, nem todos partilharam esta visão otimista. Alguns contabilistas manifestaram dúvidas, receios e sentimentos de insegurança, sobretudo associados à

complexidade da mudança, (“há um trabalho muito longo ainda para fazer” - P7, S1, “Face às exigências quer da segurança social quer do Instituto do Emprego e Formação Social (IEFP), chama uma complicação muito maior.” - P8, S1, “Há muita resistência e eu sei que mesmo para mim vai haver um período de adaptação” P5, S2).

Este tipo de resposta espelha o que Gonçalves et al. (2022) identificaram como barreiras subjetivas à digitalização, tais como o investimento significativo em infraestruturas, barreiras legais e ausência de uma visão clara sobre as vantagens da transição para a contabilidade digital.

Além disso, alguns participantes refletiram sobre o impacto da digitalização na identidade profissional do contabilista, levantando questões como a redefinição do seu papel, a necessidade de desenvolver novas competências, (“Agora há de nos sobrar tempo para outras tarefas mais de análise, digamos assim. Também é preciso formar pessoas neste sentido”. -P13, S2, “E esse é o desafio. É termos tempo para olhar para os dados e, mais importante que isso, para falar com o cliente sobre os dados.” -P4, S1).

Em suma, a perceção da contabilidade digital varia entre os participantes, oscilando entre entusiasmo, pragmatismo e resistência. No entanto, todos reconhecem que a digitalização representa uma mudança estrutural na forma de trabalhar, exigindo não apenas novas ferramentas, mas sobretudo uma nova mentalidade profissional.

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos participantes por nível de adoção, bem como as principais características associadas a cada grupo de participantes.

Da análise da Tabela 2 verifica-se que entre os participantes existiam, essencialmente, dois grandes grupos, aqueles que se encontram avançados na transição tecnológica (e que são a maioria) e, no extremo oposto, os resistentes, que fazem uma utilização muito residual de tecnologias. Destaca-se que, de entre os participantes, só um se encontra classificado no escalão intermédio.

Tabela 2 - Classificação dos participantes segundo o nível de adoção da contabilidade digital

Código do participante	Nível de adoção	Características da classificação dos participantes
P6 S1 P4 S1, P6 S2, P7 S2, P13 S2	Alta adoção	Utilizam diversas ferramentas digitais no dia a dia como a utilização de sistemas de ERP, <i>bots</i> , arquivo digital, automação de processos
P3, S2	Adoção parcial	Utilizam algumas ferramentas digitais (arquivo digital), mantendo práticas tradicionais em certas tarefas, reconhecem os benefícios da transformação, mas enfrentam desafios na implementação prática
P7 S1, P8 S1, P9 S1, P5 S2,	Resistência à adoção	Utilização limitada de tecnologias digitais (<i>softwares</i>); preferência por métodos tradicionais; trabalho total em ou grande medida dos documentos físicos e lançamentos manuais, receios quanto à segurança de informação e necessidade de investimento; resistência à mudança

Fonte: Elaboração própria

3.2. Benefícios e desafios da digitalização

Os benefícios relativos à digitalização da contabilidade mais mencionados pelos participantes são: a maior eficiência e produtividade, a nível de redução do tempo gasto em tarefas repetitivas, o acesso remoto e flexibilidade, possibilitando trabalhar em qualquer lugar, a melhoria na comunicação com os clientes, conseguindo rapidez na partilha de documentos e dados.

Apesar de alguns participantes descreverem a digitalização como uma oportunidade, outros partilharam receios e resistências, em linha com as conclusões de Moll e Yigitbasioglu (2019), que identificaram um sentimento generalizado de preocupações entre contabilistas perante a adoção de ferramentas como o *Business intelligence*, associadas à perda de controlo sobre a informação e decisões.

Foram, assim, identificados vários desafios que se focam na resistência à mudança, na dificuldade de adaptação, especialmente em empresas mais tradicionais, na falta de suporte técnico, na dificuldade na implementação e integração de *softwares*, na segurança digital, nos receios sobre a proteção de dados, bem como nos custos de implementação, na necessidade de investimento em tecnologia e na formação.

Um dos participantes referiu a preocupação da seguinte forma, (“A tecnologia pode até ajudar, mas a verdade é que os clientes ainda querem os documentos em papel, e os auditores continuam a exigir arquivos físicos.” - P8, S1). Tendo em atenção que o participante que efetuou este reparo trabalha numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

Este tipo de opinião, evidencia que, em determinados contextos institucionais, o processo de transformação ainda encontra entraves estruturais e legais muito relevantes. Estes desafios revelam a importância de um planeamento estratégico para a transição digital, envolvendo formações, investimento em segurança e adaptação gradual das práticas contabilísticas. Há, ainda, necessidade de alterações profundas nas práticas de auditoria de organismos externos, como a AT e as entidades que controlam a atribuição de fundos europeus.

A Tabela 3 resume as principais perceções dos contabilistas participantes nas sessões de *Focus Group* sobre os benefícios e desafios da transição digital na contabilidade.

Tabela 3 - Perceção dos contabilistas sobre os benefícios e desafios da transformação digital da contabilidade

Categoria	Benefícios identificados	Desafios identificados
Eficiência e produtividade	Redução do tempo gasto em tarefas repetitivas, permitindo mais foco na análise estratégica.	Adaptação inicial difícil para contabilistas menos familiarizados com tecnologias.
Acesso e flexibilidade	Possibilidade de trabalhar remotamente e gerir dados em tempo real.	Necessidade de investir em infraestruturas digitais para garantir acessibilidade segura.
Precisão e redução de erros	Maior exatidão nos cálculos e lançamentos contabilísticos, diminuindo inconsistências.	Dependência de sistemas tecnológicos e necessidade de garantir <i>backups</i> de dados.

Categoria	Benefícios identificados	Desafios identificados
Comunicação com clientes	Partilha mais rápida e eficiente de documentos e informações financeiras.	Alguns clientes ainda preferem documentação física, dificultando a transição digital.
Segurança e <i>compliance</i>	Facilitação da conformidade com normas fiscais e regulamentares devido à automatização.	Preocupações com cibersegurança e proteção de dados sensíveis.
Custos e investimento	A longo prazo, redução de custos operacionais com papel, impressão e armazenamento.	Custos iniciais elevados com a implementação de <i>softwares</i> e formação de equipas.

Fonte: Elaboração própria

Como é evidenciado na Tabela 3, a contabilidade digital oferece vantagens significativas, principalmente em termos de eficiência, flexibilidade e precisão dos dados. No entanto, os desafios apontados demonstram que a sua adoção requer um planeamento estratégico, formação contínua e suporte técnico adequado para garantir uma transição bem-sucedida.

Estes resultados estão alinhados com o modelo de Rogers (2003), que reconhece perfis distintos na adoção de inovações. Tal como Frey e Osborne (2017) e Mujiono (2021) referem, a resistência à mudança e o receio de substituição são comuns em contextos de transformação digital. Os custos e as questões da segurança, também, são problemas onde os participantes do estudo se focaram, corroborando os resultados de Ferreira (2021) e de Yoon (2020), respetivamente.

Um dos benefícios ao qual a maioria dos participantes deu maior ênfase foi a libertação de tempo, pela automatização das tarefas rotineiras, corroborando os resultados da literatura prévia, tal como Gulin et al. (2019), Yoon (2020), Berikol e Killi (2021), Ferreira (2021).

3.3. Mudança no papel do contabilista

A era Digital não só altera a forma como os contabilistas executam as suas tarefas, como também o papel que desempenham dentro das organizações. O profissional que antes

era sobretudo responsável por tarefas rotineiras e de registo vai assumir, cada vez mais, funções de interpretação, análise e aconselhamento estratégico.

Com o avanço das tecnologias, o profissional de contabilidade vai adotando uma função mais analítica e estratégica, ajudando na tomada de decisões financeiras e na consultoria fiscal, por contraposição com o papel de responsável por tarefas predominantemente operacionais, como classificação e lançamentos manuais, reconciliações e preenchimento de declarações fiscais do contabilista tradicional.

Esta transformação foi mencionada pelos participantes, (“A contabilidade vai finalmente entregar a informação ao cliente. Tudo o resto é uma consequência simples, incluindo as declarações fiscais, que vão tender também a simplificar-se.” P4, S1).

Os contabilistas participantes que já integram ferramentas tecnológicas no seu dia a dia mostraram-se conscientes dessa transformação, encarando-a como uma oportunidade de crescimento e diferenciação. Para estes profissionais, a automatização de tarefas repetitivas, como lançamentos manuais e reconciliações, libertou tempo para atividades de maior valor acrescentado, como análise financeira e o contacto direto, e numa linguagem mais inteligível, com o cliente, (“O contabilista do futuro e do presente tem de estar adaptado a poder falar com o mais sofisticado dos CEO e poder falar de rácios financeiros e isto, aquilo e aqueloutro. Mas também tem de estar adaptado, falar uma linguagem super simples para o mais simples e humilde dos comerciantes” - P6, S1).

Esta visão está em consonância com Berikol e Killi (2021), que consideram que a transformação da contabilidade exige um reposicionamento do profissional, tornando-o um parceiro estratégico na tomada de decisão. Também Vieira (2023) e Kanaparthi (2024) sublinham que a introdução de sistemas como ERP e RPA libertam os contabilistas de tarefas repetitivas, permitindo-lhes dedicar-se à análise de dados e à geração de valor.

Contudo, alguns profissionais, ainda, manifestam receios de que a automatização possa reduzir a necessidade de mão de obra no setor.

Enquanto a visão dos contabilistas que já aplicam processos tecnológicos mais avançados, relativamente à contabilidade digital, é de uma oportunidade de crescimento e inovação, tendo já verificado que a automação pode eliminar tarefas

repetitivas e permite que as tarefas do dia a dia se foquem cada vez mais em atividades de valor acrescentado.

A visão dos contabilistas mais conservadores passa por encarar esta evolução com maior ceticismo, receando que exista uma redução de postos de trabalho, sentem que há falta de preparação e suporte técnico para a implementação eficiente de novas tecnologias. Os participantes do nosso estudo não equacionaram este problema da perda de trabalho, devido à evolução tecnológica, pelo contrário, referiram a perda de clientes por parte de quem não acompanhasse a mudança de paradigma (devido à perda de competitividade).

Para além das opiniões divergentes em certos temas, houve um consenso entre os participantes de que os contabilistas que não acompanhem a evolução digital poderão enfrentar dificuldades na sua carreira, (“Mas vamos certamente perder clientes para os escritórios que usarem melhores máquinas.” - P4, S1).

Estes receios refletem o que Hoffman (2017) alertou, quando referiu que os contabilistas que não acompanharem a evolução tecnológica correm o risco de se tornarem obsoletos, não porque a tecnologia os substitua, mas porque o mercado exigirá cada vez mais profissionais com capacidade analítica e estratégica.

3.4 Competências necessárias para a adaptação

A transição para a contabilidade digital não se limita apenas à adoção de novas ferramentas tecnológicas, mas implica, também, mudanças significativas nas competências exigidas aos profissionais do setor. Os participantes foram desafiados a identificar um conjunto de competências essenciais para que os contabilistas possam adaptar-se com sucesso a este novo paradigma.

A discussão revelou que, embora o conhecimento técnico seja fundamental, a capacidade de adaptação, a comunicação e o pensamento analítico desempenham um papel igualmente crítico no sucesso da transição digital.

Deste modo, as competências mencionadas pelos participantes podem ser agrupadas em três grandes áreas:

- Competências técnicas;

- Competências analíticas;
- Competências interpessoais (*soft skills*).

3.4.1. Competências técnicas

As competências técnicas referem-se ao conhecimento e domínio de ferramentas tecnológicas e digitais, *softwares* de contabilidade e cibersegurança, que são essenciais para a aplicação da contabilidade digital.

Os contabilistas que participaram no estudo referiram que, sem formação adequada nestas ferramentas, muitos profissionais poderão enfrentar dificuldades na adaptação ao mercado de trabalho, ficando em desvantagem face a concorrentes mais preparados tecnologicamente, (“Ao fim e ao cabo tem de haver alguma formação para o pessoal que trata deste assunto aqui na instituição.” - P8, S1, “... a primeira preocupação, pelo menos para nós, é a capacitação do pessoal.” - P8, S1). Também, o P5, da S2, referiu em diversas intervenções a inaptidão para as tecnologias dos restantes colegas do gabinete de contabilidade.

As principais competências técnicas mencionadas foram o domínio de *softwares* de contabilidade digital em todas as suas potencialidades, como por exemplo, o TOC *Online*, ou os RPA, os ERP, *clouds*, entre outros. A sua utilização eficaz permite otimizar tarefas e garantir a conformidade com normas fiscais. Os contabilistas precisam compreender e obter conhecimentos em automatização e RPA, de modo a eliminarem tarefas repetitivas e morosas, como reconciliações bancárias e lançamentos manuais.

Estes resultados corroboram as conclusões de outros estudos prévios, como Gulin et al. (2019) e Kroon et al. (2021).

Na perceção dos participantes, outra competência que, cada vez mais, será valorizada pelos clientes será a interpretação de relatórios, os contabilistas passam a atuar como analistas de dados, transformando a informação gerada automaticamente em informação estratégica para os clientes, resultados que corroboram a literatura prévia, nomeadamente, Boylan et al. (2018) e Berikol e Killi (2021).

3.4.2. Competências analíticas

Na contabilidade digital, como já referido, os contabilistas deixam de ser apenas responsáveis pelo processamento de dados e passam a desempenhar um papel mais estratégico, ajudando na tomada de decisões financeiras e estratégicas. Por isso novas competências tornam-se relevantes, tais como a capacidade de interpretar grandes volumes de dados financeiros, desenvolver o pensamento crítico e estratégico, auxiliar na tomada de decisão baseada em dados e a capacidade de antecipar riscos financeiros e fiscais.

A este propósito um participante referiu que, (“... fazer a tal reunião, reunião com o cliente para entregar esse valor acrescentado de uma análise ou de uma abordagem mais de gestão do negócio e não tanto naquela vertente técnica e fiscal que é, vamos poupar aqui uns euros em Imposto de Valor Acrescentado (IVA)” – P13, S2).

Os participantes concordaram que a formação em *data analytics* e ferramentas de previsão, ferramentas que permitam tratamento de grandes volumes de dados, será essencial para os contabilistas do futuro, bem como àqueles que já aderiram à transformação digital, permitindo-lhes fornecer informações mais detalhadas e valiosas aos seus clientes, resultados que corroboram a literatura prévia, nomeadamente Moll e Yigitbasioglu (2019) e Berikol e Killi (2021).

3.4.3. Competências interpessoais (*Soft Skills*)

Os *Focus Group* destacaram que o relacionamento humano continua a ser um aspeto essencial da profissão. Os contabilistas precisam de saber comunicar de forma eficaz e adaptar-se a um ambiente em constante evolução.

Desenvolver *soft skills*, como a comunicação clara e eficaz, traduzindo conceitos financeiros complexos em linguagem acessível para clientes e gestores. A capacidade de adaptação e aprendizagem contínua, acompanhando as mudanças tecnológicas e atualizando constantemente as suas competências. Aperfeiçoar a gestão de tempo e organização, saber priorizar tarefas num ambiente digitalizado pode vir a evitar sobrecarga de informação.

Na percepção dos participantes, a empatia e inteligência emocional são, cada vez mais, relevantes e necessárias para estabelecer relações de confiança com clientes, compreendendo as suas necessidades e preocupações. O trabalho colaborativo, também, foi apontado como essencial, pois com o uso de plataformas digitais, os contabilistas trabalham, cada vez mais, em equipa e partilham dados em tempo real com outras áreas da empresa.

Um dos participantes referiu que, (“Nós temos que conseguir falar com o nosso cliente em português e não em contabilês. Isto é um desafio para nós.” – P4, S1)

Os participantes reforçaram que, mesmo com o avanço da inteligência artificial, a capacidade de comunicar de forma perceptível para os *stakeholders* e interpretar os dados continuará a ser um fator diferenciador para os contabilistas, opinião que corrobora os resultados de Berikol e Killi (2021).

3.4.4. A importância da formação contínua

De forma a desenvolver todas as competências anteriormente mencionadas, verificou-se que é essencial investir na formação contínua dos contabilistas. Os dados recolhidos nos *Focus Group* permitiram concluir que a falta de cursos especializados sobre as ferramentas necessárias à implementação da contabilidade digital é um dos principais desafios da transição. Muitos profissionais poderão enfrentar dificuldades na adaptação ao mercado de trabalho, ficando em desvantagem face aos concorrentes mais preparados tecnologicamente.

Foi destacado pelos participantes que já não é suficiente dominar tarefas tradicionais, como lançamentos manuais ou preenchimento de declarações fiscais, tornando-se, cada mais, essencial saber interpretar relatórios financeiros e utilizar ferramentas digitais que automatizam processos.

Criar formações internas nas empresas para capacitar as equipas na utilização das novas ferramentas, seria um bom começo.

Alguns estudos da literatura prévia, como Berikol e Killi (2021) defendem a necessidade urgente de atualização constante de competências, especialmente para

profissionais mais antigos, que têm maior tendência a apresentar lacunas relativas ao uso de tecnologias.

3.5. Matriz de análise temática

A fim de sistematizar e ilustrar as principais percepções recolhidas nas sessões de *Focus Group*, foi elaborada uma matriz de análise temática, que é apresentada na Tabela 4. Esta matriz sintetiza os temas recorrentes identificados ao longo das sessões, agrupando-os por subtemas, com base nas respostas dos participantes.

Através desta estrutura é possível visualizar, de forma objetiva, as diferentes perspetivas, desafios e oportunidades identificadas pelos contabilistas participantes face à adoção da contabilidade digital, bem como a frequência relativa com que esses temas foram mencionados.

Tabela 4 - Matriz de análise temática

Tema	Subtema	Resumo das Percepções dos participantes	Exemplos de citações diretas que suportem as percepções	Participante	Frequência da percepção
Desafios da adoção da contabilidade digital	Resistência à mudança	Muitos contabilistas revelaram dificuldades de adaptação, especialmente em contextos mais tradicionais.	“Há muita resistência e eu sei que mesmo para mim vai haver um período de adaptação.”	P4 S2	Alta
	Falta de formação	Foi destacada a importância da capacitação interna e a carência de formação técnica nas equipas.	“A primeira preocupação, pelo menos para nós, é a capacitação do pessoal.”	P8 S1	Alta
	Custos e exigências	Alguns participantes referiram que as exigências legais e os custos dificultam a adoção tecnológica.	“Face às exigências [...] chama uma complicação muito maior.”	S8 S1	Média
Benefícios da adoção da contabilidade digital	Eficiência e produtividade	A digitalização permite poupança de tempo e aumento da produtividade, libertando tempo para tarefas analíticas.	“Já não consigo viver sem isso.”	P6 S1	Alta
	Flexibilidade e rapidez	A transição digital oferece mais mobilidade e rapidez na execução das tarefas contabilísticas.	“É bastante mais rápido e bastante melhor em termos da contabilidade digital.”	P5 S2	Alta
	Valor acrescentado ao cliente	A tecnologia permite focar no apoio ao cliente, acrescentando valor ao serviço prestado.	“Vamos tirar daqui [...] mais tempo para acrescentar valor ao cliente no serviço prestado.”	P13 S2	Média
Papel do contabilista	Transformação da função	O contabilista passa a ter um papel mais estratégico e menos técnico, focado na interpretação e apoio à gestão.	“Agora precisamos de interpretar dados e dar suporte estratégico às empresas.”	P4 S1	Alta
	Comunicação adaptada	O profissional deve adaptar a sua linguagem ao perfil do cliente, traduzindo conceitos financeiros de forma acessível.	“Temos que falar em português e não em contabilês.”	P4 S1	Alta
Competências necessárias	Técnicas (software, ERP, RPA)	É necessário dominar ferramentas tecnológicas como ERP e RPA para responder às novas exigências da profissão.	“Tem de haver alguma formação para o pessoal que trata deste assunto.”	P8 S1	Alta
	Analíticas	A análise e interpretação de dados é cada vez mais importante no trabalho do contabilista.	“Precisamos de perceber os números e tomar decisões estratégicas.”	P13 S2	Média
	Interpessoais (soft skills)	Competências como empatia, comunicação e trabalho em equipa são cada vez mais valorizadas.	“Temos que conseguir falar com o nosso cliente em português.”	P4 S1	Alta

Fonte: Elaboração Própria

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo compreender a forma como a adoção da contabilidade digital está a decorrer em Portugal, analisando a perceção dos contabilistas certificados sobre a mesma. Através da realização de duas sessões de *Focus Group*, com participantes com diferentes níveis de experiência na aplicação de tecnologias no contexto da contabilidade, foi possível obter uma visão abrangente sobre os níveis de adoção, os desafios, benefícios e competências associadas à adoção da contabilidade digital, bem como o novo papel que se pressupõe que o contabilista venha a desempenhar no novo paradigma contabilístico.

Os resultados obtidos evidenciam que a transformação da contabilidade é percecionada, de forma consensual, pelos participantes no estudo, como inevitável e necessária para a evolução da profissão e garantir a competitividade no mercado. No entanto, a forma como os contabilistas encaram esta transição varia consoante o seu grau de envolvimento com as novas tecnologias aplicadas à sua atividade profissional. Enquanto alguns participantes destacaram as vantagens da automatização e do acesso remoto à informação, outros revelaram preocupações relacionadas com a segurança dos dados, a necessidade de investimento financeiro e a resistência à mudança.

De forma geral, verificou-se que os contabilistas participantes no estudo que já integram ferramentas digitais no seu dia a dia evidenciam uma visão mais estratégica e analítica da profissão, enquanto aqueles que se mantêm em métodos tradicionais, com níveis reduzidos de utilização de tecnologias na contabilidade, demonstram maior receio em relação ao futuro, pois têm noção que, num futuro próximo, irão perder competitividade face aos restantes, caso não façam essa transição.

Este contraste reforça a importância de promover formação contínua e capacitação tecnológica aos contabilistas, não apenas para os profissionais em atividade, mas também no ensino da contabilidade a nível académico, pois verificou-se que a falta de formação (e até o desconhecimento), bem como a necessidade de realizar investimentos, são identificados pelos participantes como entraves relevantes à sua transição tecnológica.

Relativamente aos objetivos definidos, os principais resultados do estudo permitiram:

- Conhecer a forma como a adoção da contabilidade digital está a decorrer em Portugal, contribuindo para a identificação de diferentes níveis de integração tecnológica, bem como identificando fatores que facilitam ou dificultam esta adoção;
- Compreender os principais benefícios e desafios que os contabilistas portugueses associam à adoção da contabilidade digital. Como principais benefícios destacam-se a automatização de tarefas rotineiras, a melhoria na qualidade e rapidez do acesso à informação, e a possibilidade de o contabilista desenvolver um papel estratégico nas organizações. Entre os desafios identificados encontram-se a segurança da informação, os custos de implementação de novas tecnologias e a resistência à mudança, tanto a nível individual como organizacional, bem como contingências externas, nomeadamente legislativas e a falta de capacidade de formação e interesse dos clientes;
- Conhecer a perceção dos contabilistas portugueses sobre a importância da adoção da contabilidade digital: os participantes revelaram, de forma geral, uma perceção positiva sobre a importância da transformação digital, reconhecendo que esta é essencial para a evolução e sustentabilidade da profissão. No entanto, este reconhecimento coexiste com receios relativos às exigências de adaptação e atualização constante;
- Identificar as competências que os contabilistas portugueses consideram essenciais para a adoção da contabilidade digital: os participantes identificaram competências como o domínio de *softwares* de contabilidade, capacidade de análise de dados, conhecimentos de cibersegurança e aptidão para o pensamento crítico e estratégico como fundamentais para acompanhar a transformação digital da contabilidade;
- Conhecer as perceções dos contabilistas sobre as alterações necessárias nos serviços prestados, e no papel a desempenhar pelo contabilista nas empresas e entidades, em consequência da digitalização da contabilidade: verificou-se a perceção de que o contabilista deixará progressivamente de se limitar a ter funções de registo e conformidade, para assumir um papel

mais consultivo e analítico, contribuindo ativamente para a tomada de decisão estratégica nas organizações.

Deste modo, respondendo à questão de investigação, conclui-se que a perceção dos contabilistas relativamente à digitalização da contabilidade é maioritariamente positiva quanto à importância e inevitabilidade da sua adoção, embora existam barreiras que dificultam uma transição plena e homogénea.

A transformação da contabilidade em Portugal encontra-se numa fase de transição com características heterogéneas, que se traduz na existência de vários patamares na transição tecnológica da profissão, desde os pioneiros, que se caracterizam por uma total digitalização de documentos, automatização de procedimentos e pelo uso de um conjunto alargado de ferramentas tecnológicas que se integram entre si e, no extremo oposto, aqueles que utilizam programas profissionais de contabilidade, cujas potencialidades não utilizam na íntegra, limitando-se, quase em exclusivo, a lançar nos mesmos, manualmente, os documentos e a extrair mapas e documentos referentes às obrigações fiscais. No nosso estudo foi possível identificar de uma forma muito explícita esses dois grupos opostos, porém, quanto ao escalão intermédio, ou seja, a existência de contabilistas que já iniciaram o processo, mas que ainda não conseguem obter total proveito dos avanços tecnológicos é muito residual.

Devido ao número reduzido de observações não podemos generalizar estes resultados, porém, podemos referir que os mesmos sugerem que a digitalização da contabilidade já é uma realidade em algumas empresas de contabilidade em Portugal, mas que coexiste com os contabilistas tradicionais.

Não obstante existirem contabilistas em vários patamares relativos à transição digital da contabilidade, foi generalizada entre os participantes, a perceção da sua consciência clara sobre a importância da digitalização, mas também destacando barreiras concretas, como a falta de formação, resistência à mudança e limitações institucionais, que condicionam a sua implementação prática.

Em suma, a adoção da contabilidade digital não é apenas uma tendência, mas sim uma realidade, cada vez mais, presente no exercício da profissão em Portugal. Este estudo permitiu compreender como os contabilistas portugueses estão a vivenciar essa transformação, confirmando os objetivos propostos e promovendo uma reflexão

crítica sobre os desafios, oportunidades e necessidades formativas associados à digitalização do setor.

Contudo, este estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente o número reduzido de participantes nas sessões de *Focus Group*, o que restringe a possibilidade de generalização dos resultados para todo o universo dos contabilistas portugueses.

Para investigações futuras, sugere-se a realização de estudos quantitativos de maior escala, bem como a análise da perceção dos contabilistas em diferentes regiões de Portugal, de forma a obter uma visão mais representativa e aprofundada sobre a adoção da contabilidade digital e a dispersão geográfica dos pioneiros. Será também pertinente investigar o impacto efetivo da formação tecnológica no desempenho dos contabilistas e o papel das universidades na modernização do ensino da contabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berikol, B. Z., & Killi, M. (2021). The effects of digital transformation process on accounting profession and accounting education. In K. T. Çalhyurt (Ed.), *Ethics and sustainability in accounting and finance* (Vol. II, pp. 219–231). Springer.
- Borges, A., Rodrigues, A., & Rodrigues, R. (1998). *Elementos de contabilidade geral* (16ª ed.). Áreas Editora.
- Boylan, D., Philipp, J., & Latini, M. (2018). Progressing technology and the obsolescence of accountants. *International Journal of Business, Accounting and Finance*, 12(1).
- Bryer, R. A. (2005). A Marxist accounting history of the British industrial revolution: A review of evidence and suggestions for research. *Accounting, Organizations and Society*, 30(1), 25–65. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2003.11.002>
- Cardinali, S., Pagano, A., Carloni, E., Giovannetti, M., & Governatori, L. (2023). Digitalization processes in small professional service firms: drivers, barriers and emerging organisational tensions. *Journal of Service Theory and Practice*, 33(2), 237-256. <https://doi.org/10.1108/JSTP-06-2022-0132>
- Carreira, F. J. A., Borrego, A. C., & Abreu, R. M. (2022). Da contabilidade 0.0 à contabilidade 5.0. *Revista de la Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas - Revista Especial XX Encuentro AECA*, (139), 4-5.
- Carvalho, F. (2018). *A era digital e suas contribuições para a contabilidade: Evolução histórica dos processos contábeis* [Trabalho de conclusão de graduação não publicado]. Universidade do Estado do Amazonas, Brasil.
- Costa, C. B., & Alves, G. C. (1997). *Contabilidade financeira*. Vislis Editores.
- Costa, S. (2020). *Contabilidade financeira*. Senac São Paulo.
- Covas, A., Martins, C., Ribeiro, J., & Soares, V. (2022). Contabilidade 5.0: O perfil do profissional de contabilidade. In *XX Congresso Internacional AECA* (pp. 22-23).
- Costa, J. M. M. R., Bressan, I. C., & Marcelino, J. A. (2023). A contabilidade e seu processo evolutivo ao longo da história: Estudo de caso em uma prefeitura. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, 21(12), 26962-26979. DOI: <https://doi.org/10.55905/oelv21n12-187>

- Ferreira, C. G. (2021). *A influência da indústria 4.0 no setor da contabilidade* [Dissertação de mestrado não publicada], Instituto Politécnico do Porto Portugal.
- Figueiredo, V. D. S., Colares, M. C., & Freire, F. S. (2023). Análise bibliométrica dos artigos publicados utilizando-se a técnica de grupo focal na contabilidade. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, 27(1), 42-64.
- Frey, C. B., & Osborne, M. A. (2017). The future of employment: How susceptible are jobs to computerisation? *Technological Forecasting and Social Change*, 114, 254-280. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2016.08.019>
- Gonçalves, M. J. A., da Silva, A. C. F., & Ferreira, C. G. (2022). The future of accounting: How will digital transformation impact the sector? *Informatics*, 9(1), 19. <https://doi.org/10.3390/informatics9010019>
- Gulin, D., Hladika, M., & Valenta, I. (2019). Digitalization and the challenges for the accounting profession. *ENTRENOVA Conference Proceedings*, 502-511.
- Hennink, M. M. (2013). *Focus group discussions*. Oxford University Press.
- Hoffman, C. (2017). Accounting and auditing in the digital age. URL: <http://xbrlsite.azurewebsites.net/2017/Library/AccountingAndAuditingInTheDigitalAge.pdf>.
- Jasim, Y. A., & Raewf, M. B. (2020). Information technology's impact on the accounting system. *Cihan University Journal of Humanities and Social Sciences*, 4, 50-57.
- Kanaparthi, V. (2024). Exploring the impact of blockchain, AI, and ML on financial accounting efficiency and transformation. *arXiv preprint arXiv:2401.15715*.
- Kroon, N., do Céu Alves, M., & Martins, I. (2021). The impacts of emerging technologies on accountants' role and skills: Connecting to open innovation—a systematic literature review. *Journal of Open Innovation: Technology, Market, and Complexity*, 7(3), 163. <https://doi.org/10.3390/joitmc7030163>
- Kruskopf, S., Lobbas, C., Meinander, H., Söderling, K., Martikainen, M., & Lehner, O. (2020). Digital accounting and the human factor: Theory and practice. *ACRN Journal of Finance and Risk Perspectives*, 9, 78-89. https://www.researchgate.net/publication/341697950_Digital_Accounting_and_the_Human_Factor_Theory_and_Practice

- Letaifa, S. B., & Salem, M. B. (2023). The digitalization of accounting firms: Survey research from Tunisia. *Journal of Accounting and Finance*, 18(2), 45-67. <https://doi.org/10.5171/2023.550358>
- Martins, J., & Francisco, R. (2021). O impacto da utilização das TIC no exercício da profissão de contabilista certificado. *Revista de Gestão e Tecnologia*, 12(3), 89-104.
- Mohammad, S. J., Hamad, A. K., Borgi, H., Thu, P. A., Sial, M. S., & Alhadidi, A. A. (2020). How artificial intelligence changes the future of accounting industry. *International Journal of Economics and Business Administration*, 8(3), 478-488. <https://doi.org/10.35808/ijeba/538>
- Moll, J., & Yigitbasioglu, O. (2019). The role of internet-related technologies in shaping the work of accountants: New directions for accounting research. *The British Accounting Review*, 51(6), 100833. <https://doi.org/10.1016/j.bar.2019.04.002>
- Mujiono, M. N. (2021). *The Shifting Role of Accountants in the Era of Digital Disruption. International Journal of Multidisciplinary: applied business and education research*, 2 (11), 1259-1274.
- Oncioiu, I., Bîlcan, F. R., Stoica, D. A., & Stanciu, A. (2019). Transformação digital das tendências da contabilidade gerencial no novo ambiente econômico. *EIRP Proceedings*.
- Onyshchenko, O., Shevchuk, K., Shara, Y., Koval, N., & Demchuk, O. (2022). Industry 4.0 and accounting: Directions, challenges, opportunities. *Independent Journal of Management & Production*, 13(3), 1-20. <https://doi.org/10.14807/ijmp.v13i3.1993>
- Origuela, A. (2017). Os principais impactos do SPED na profissão contábil: Uma análise da percepção dos profissionais de contabilidade. *Caderno Profissional de Administração da UNIMEP*, 7(1).
- Ribeiro, O. M. (2013). *Contabilidade básica* (3ª ed.). Saraiva.
- Rodrigues, A. L. (2022a). Integrating Digital Technologies in Accounting Preservice Teacher Education: A Case Study in Portugal. *International Journal of Technology and Human Interaction (IJTHI)*, 18(1), 1-19. <https://doi.org/10.4018/IJTHI.293200>
- Rodrigues, T. (2022b). Metodologias inovadoras no ensino da contabilidade: O modelo Active Teacher Training (ATT). *Educação e Formação*, 15(2), 77-91.
- Rogers, E. M. (2003). *Diffusion of innovation* (3ª ed.). The Free Press.

- Santos, I. C. C. (2021). *O impacto da inteligência artificial na contabilidade: Aplicação nas PMEs* [Dissertação de Mestrado não publicada], ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.
- Silva, A. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). *Focus group: Considerações teóricas e metodológicas*. *Revista Lusófona de Educação*, 26, 175-190. Recuperado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/32357/1/Silva%2C%20Veloso%20%26%20Keating%20%282014%29%20Focus%20group%20RLE.pdf>
- Silva, S. (2021). *A transição para a contabilidade digital: Um estudo de caso na Conceito Norte – Consultadoria de Gestão, Lda*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Minho, Portugal.
- Soni, N., Sharma, E. K., Singh, N., & Kapoor, A. (2019). Impact of artificial intelligence on businesses: From research, innovation, market deployment to future shifts in business models. *arXiv preprint arXiv:1905.02092*. <https://doi.org/10.48550/arXiv.1905.02092>
- Thompson, P. (2017). Digital technologies' implications for SMPs. *European Federation of Accountants and Auditors for SMEs. (EFAA) publications*. https://www.efaa.com/cms/upload/efaa_files/pdf/Publications/Articles/20170714_EFAA_Digital_Technologies_Implications_for_SMPs.pdf
- Tiwari, K., & Khan, M. S. (2020). Sustainability accounting and reporting in the industry 4.0. *Journal of Cleaner Production*, 258, 120783. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.120783>
- Vieira, M. B. (2023). *O impacto da transformação digital na contabilidade: o caso do grupo Nors* [Dissertação de Mestrado não publicada], Universidade Católica Portuguesa, Portugal.
- Yoon, S. (2020). A study on the transformation of accounting based on new technologies: Evidence from Korea. *Sustainability*, 12, 8669. <https://doi.org/10.3390/su12208669>

ANEXOS

Anexo 1- Email enviado aos participantes

Exmos. Srs.,

Espero que este email o/a encontre bem.

O meu nome é Laura Ribeiro, sou aluna do Mestrado em Contabilidade e Finanças no Politécnico de Portalegre. No âmbito da minha dissertação, estou a conduzir um estudo sobre a transição para a contabilidade digital.

Este estudo só poderá produzir conhecimento se contar com os(as) contabilistas certificados com poder de decisão que se disponibilizem a partilhar a sua experiência e opinião sobre a referida transição. Nesse sentido, não posso deixar de me dirigir a si para o convidar a participar ativamente no workshop *Focus Group*, a realizar no dia 28 novembro às 15.30h, via *ZOOM* (videoconferência).

Gostaria de saber se haveria interesse da vossa parte em participar nesta pesquisa.

Aguardo confirmação de disponibilidade e interesse.

Agradeço, antecipadamente, pela consideração e estou à disposição para fornecer quaisquer informações adicionais que possam ser necessárias. A vossa contribuição será fundamental para o sucesso do meu trabalho e para o avanço do conhecimento nesta área.

Aguardo a vossa resposta e estou ansiosa pela oportunidade de contar com a sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

Laura Ribeiro

Aluna de Mestrado em Contabilidade e Finanças

Politécnico de Portalegre

Anexo 2 – Guião *Focus Group*

1. Boas-vindas e Introdução

Olá, agradeço desde já a presença de todos! Esta investigação foi criada no âmbito do meu projeto final de mestrado do curso de contabilidade e finanças no politécnico de Portalegre

O intuito desta sessão é discutir as perceções e experiências relacionadas à transformação da contabilidade tradicional para a contabilidade digital, de forma a alcançar os objetivos principais e específicos da nossa pesquisa que são os seguintes:

Objetivo principal:

- Conhecer a forma como a adoção da contabilidade digital está a decorrer em Portugal.

Objetivos específicos:

- Compreender os principais benefícios e desafios que os contabilistas portugueses associam à adoção da contabilidade digital.
- Conhecer a perceção dos contabilistas portugueses sobre a importância da adoção da contabilidade digital.
- Identificar as competências que os contabilistas portugueses consideram essenciais para a adoção da contabilidade digital.
- Conhecer as perceções dos contabilistas sobre as alterações necessárias nos serviços prestados, e no papel a desempenhar pelo contabilista nas empresas e entidades, em consequência da digitalização da contabilidade.

Esta sessão durará aproximadamente 30 min. Teremos uma série de perguntas para guiar a discussão, mas sintam-se à vontade para partilhar opiniões e experiências livremente."

Tudo o que for discutido aqui será usado apenas para fins académicos.

Gostaria de confirmar que todos estão de acordo em participar e que podemos gravar a sessão para fins de transcrição e análise?

“Para começar, gostaria que cada um se apresentasse brevemente e falasse sobre sua experiência na área de contabilidade.”

1. Experiência Atual com Contabilidade Digital

- "Como descreveriam a sua experiência atual com ferramentas digitais na contabilidade?"
- "Quais softwares ou ferramentas digitais vocês utilizam no dia a dia?"
- Como veem a transformação da contabilidade tradicional para a contabilidade digital? Quais são as vantagens e desvantagens?
- Para aqueles que já fizeram a transição, como descreveriam as principais mudanças que notaram em dia a dia? E para os que ainda não fizeram, quais mudanças esperam ou temem ao adotar a contabilidade digital?

2. Percepções sobre a Transformação Digital

- "Como veem a transformação da contabilidade tradicional para a contabilidade digital? É Necessária?"
- "Quais acham que são os principais benefícios desta transformação?"
- "E quais são os maiores desafios que têm enfrentado?"

3. Impacto na Prática Contabilística

- "De que maneira a contabilidade digital mudou as práticas diárias?"
- "Acham que a digitalização melhorou a eficiência e a precisão do trabalho contabilístico?"
- “Como convenciam um contabilista a implementar a contabilidade digital?”
- “Quais os motivos para permanecer com os procedimentos antigos?”

4. Formação e Capacitação

- "Que tipos de formação ou aprendizagens receberam para usar ferramentas digitais na contabilidade?"
- "Há algum aspeto em que sentem que precisam de mais formação?"

5. Futuro da Contabilidade Digital

- "Como imaginam o futuro da contabilidade digital nos próximos cinco a dez anos?"
- "Que inovações tecnológicas acham que terão um impacto significativo?"

Perguntas de Encerramento

"Alguém gostaria de adicionar algo que não foi discutido, mas que considera importante sobre este tema?"

Agradeço muito pela participação e pelas contribuições valiosas de todos.
As opiniões serão de grande ajuda para a minha pesquisa."

Anexo 3- Transcrição Sessão 1

Sessão 1 Sumário

Tópicos-chave:

- Contabilidade digital
- Benefícios e desafios da digitalização
- Experiências e opiniões de contabilistas certificados
- Impacto da tecnologia na eficiência e segurança
- Formação e capacitação para a transição digital

Discussão:

A discussão focou-se na transição para a contabilidade digital, destacando-se a experiência de P6 um contabilista com 36 anos de experiência, que já implementou tecnologias digitais na sua prática, criando um departamento interno de TI e adotando soluções que automatizam tarefas repetitivas e propensas a erro. P6 enfatizou a importância da digitalização para a eficiência e a possibilidade de servir clientes à distância, além de mencionar a criação de *clouds* seguras para compartilhamento de informações com clientes. Por outro lado, P7, outra contabilista, que ainda trabalha com documentos físicos, mas reconhece a necessidade de adotar novas tecnologias para se manter atualizada. Ela mencionou a importância de ter um bom conhecimento de *software* e práticas de cibersegurança antes de fazer a transição.

Outros participantes discutiram os desafios e benefícios da digitalização, como a redução de erros, economia de tempo e a capacidade de fornecer informações mais rápidas e precisas aos clientes. A segurança dos dados e a capacidade de adaptação dos processos contabilísticos também foram temas abordados, com ênfase na necessidade de repensar processos para não apenas adotar novas tecnologias, mas também melhorar a eficiência e a segurança. A formação e capacitação dos

profissionais para lidar com as novas tecnologias foram consideradas essenciais para uma transição bem-sucedida para a contabilidade digital.

Transcrição

A: Já estamos a gravar. [0:00:09.6]

O: Falta-nos um elemento certo. [0:00:10.9]

A: Certo. Se calhar não sei se esperaríamos, pelo menos até às 35. E depois, então, se calhar daríamos continuação. Só para dar aqui algum tempo de dúvida, a ver se se aparece. [0:00:27.1]

CO: Sim, mais uns dois ou três minutinhos. [0:00:31.1]

O: E um e um terço de um quarto de hora académico. (7) Vamos ignorar o quarto de hora académico e dar só um terço. (...) [0:00:47.4]

CO: Para matar o tempo também que se espera do *Focus group*, que não permitia o quarto de hora académico. (...) [0:00:58.3]

O: Sei que eu disse que era um terço de um quarto de hora académico? [0:01:00.6]

CO: Pois bem. (22) [0:01:23.8]

A: Pronto, se calhar dizia só aqui aos que já estão presentes que o que se pretende no *Focus Group* é realmente darem a vossa opinião sincera, que é para depois o meu projeto e a investigação ser fidedigna e eu ter dados reais. Portanto, não tenham medo de expor as vossas opiniões e dizerem realmente o que acham desta nova transição para a contabilidade digital. E pronto, estamos aqui. Está a ser gravado, mas não vai ser partilhado com mais ninguém. Portanto, para estarem à vontade, sintirem. (...) Com disposição para partilhar tudo o que sei, tudo o que pensam sobre esta nova. Este novo mundo da contabilidade que é contabilidade digital. (22) [0:02:29.1]

CO: Avança. [0:02:30.4]

P4: Sim, eu vou só ali encostar a porta enquanto esperamos. Ok. [0:02:34.4]

A: Certíssimo. (5) [0:02:40.1]

P5: Mas não se. (5) [0:02:46.2]

CO: Pode avançar. [0:02:47.6]

A: Então vamos começar a só fazer aqui um pequeno contexto do que vai ser aqui abordado. Pronto, como já referi, vai ser então o tema principal a contabilidade digital, A transformação para esta, novo para esta nova era digital com a indústria 4,0 é perceber aqui um pouco também se já tem feito esta transição. O que é que acham desta (...) nova era, na contabilidade digital, quais é que são as vossas opiniões, se já utilizam, se gostariam de utilizar e tudo mais? Quero só referir aqui quais são os objetivos deste desta investigação para também estarem a par depois do que vai ser discutido. Como objetivos gerais, teremos então conhecer a forma como a adoção da contabilidade digital está a decorrer em Portugal e analisar a perceção dos contabilistas portugueses sobre a importância da adoção da contabilidade digital., pois teremos quatro objetivos específicos que serão compreender os principais benefícios e desafios associados à contabilidade digital, com o foco no impacto da produtividade e eficiência. Identificar as tecnologias digitais mais utilizadas na prática contabilística. Analisar as competências informações que os contabilistas consideram essenciais para se adaptarem às novas tecnologias na contabilidade e, por fim, explorar as perceções dos contabilistas sobre as alterações necessárias nos serviços prestados, incluindo uma abordagem mais analítica e estratégica. Passamos então agora para a primeira questão. A primeira questão que eu gostaria de vos fazer era como é que se auto posicionam em relação à utilização das tecnologias digitais na contabilidade? (7) Se calhar começar aqui por perguntar se já tem, se já fizeram esta transição, se já utilizam. A contabilidade digital, já fazem lançamentos por lote, por exemplo? (..) [0:04:55.2]

O: Olá! [0:04:56.9]

P6: Sim, posso. Posso começar [por] dar aqui o meu contributo. Portanto, meu nome é P6 sou contabilista certificado. Tenho uma empresa já há 36 anos, uma empresa familiar e de algum modo já usamos estas coisas há já uns tempos para cá, porque tal e qual como eu tinha comentado com a A, aí há uns anos atrás, contratámos um

economista para fazer um trabalho de contabilista, mas depressa percebemos que não era bem a praia dele e que realmente a praia dele era as áreas das informáticas e hoje em dia (...) e na altura era uma pessoa muito acima da média neste campo. (...) Criámos um departamento interno de tecnologias de informação com essa pessoa. (...) Investimos num *bot* (...) uns dez anos atrás, que nos fez montes de coisas e facilitou montes de coisas de aqueles trabalhos chatos e sujeitos a erro que os humanos fazem e que não querem fazer cada vez mais. Tudo o que é em visto, declarações fiscais, avisos a clientes e hoje em dia usamos isso e faz parte já de nós próprios. E sinceramente, já não consigo viver sem isso. A parte da contabilidade digital tem vindo a acontecer até por via de clientes que não estão localizados, onde nós temos a sede na localidade Ω e isso ajudou muito a facilitar o processo, porque deixavam de haver documentos físicos em trânsito, com todos os problemas daí advenientes. Criámos também *clouds* próprias, seguras dentro dos nossos servidores, onde partilhamos. Onde o cliente partilha toda a informação digital que depois, através dos nossos programas de contabilidade, a vão absorver. Grandes vantagens é que a documentação está toda digitalizada para nós e para o cliente, em qualquer lado, em qualquer momento, em qualquer dispositivo. Também é um processo que acho que é irreversível até mesmo para o cliente e que acelera, acelera muito o processo contabilístico e que nos liberta tempo para realmente fazer aquilo que é importante. Num mundo cheio de máquinas que é, nós falamos com as pessoas e damos às pessoas aquilo que realmente as pessoas necessitam. Portanto, a nossa experiência neste campo tem vindo por aí. Vai continuar. E toda esta parte estamos. Estamos mesmo já começando há muito tempo. Estamos. Estamos a começar. E é um caminho que, no meu ponto de vista, não terá retorno. [0:07:49.9]

A: Muito obrigada pela sua partilha. (...) Mas alguém tem alguma coisa a dizer? Se já está neste processo da contabilidade? Se ainda não tem receio de entrar por este ramo? (...) [0:08:05.5]

P7: Eu, ainda não temos. Tudo em nosso tempo. [0:08:13.6]

A: Não está muito baixo. P7. (6) [0:08:21.6]

P7: Eu estava a dizer agora. [0:08:24.1]

P1: Sim, sim, agora ouvimos melhor. [0:08:25.2]

P7: Eu estava a dizer que ainda não. Eu ainda trabalho com os documentos físicos. Mas de facto é uma atitude que vou ter que tomar. Porque nós temos mesmo que adotar estas novas tecnologias. Porque acho que é mesmo crucial mantermo-nos atualizados. E sem dúvida que o mundo digital é o futuro. (...) [0:08:45.5]

A: Ontem? (...) Se calhar passaríamos aqui só por perguntar, por exemplo, P7, qual? Qual é que acha que é a primeira tarefa que tem que fazer para entrar na contabilidade digital? A começar por a digitalização dos documentos arranjar um *bot* como o sr. P4 [0:09:07.7]

P7: Primeiro, ter um conhecimento muito bom do *software* específico mesmo, não é? (...) Depois ter muitos. Ter alguns conhecimentos também sobre as práticas de cibersegurança, proteção de dados. Portanto, há um trabalho muito longo ainda para fazer. Mas acho que devemos ter capacidade para ter essas novas tecnologias, porque é fundamental hoje em dia. Eu trabalho, por exemplo, eu há 28 anos que sou contabilista. Sempre trabalhei com a Sage. Neste momento eu já faço a importação de documentação toda do Portal das Finanças. Lanço tudo pronto. É tudo lançado através do Sage. Mas ainda mantenho os documentos físicos. Mas de facto, aqui no escritório é pastas por todo o lado. E pronto, é um acumulado de papéis e de (...). E mesmo a nível de trabalho, a maneira como o classificar à mão (...). E acho que pronto, devemos mesmo adotar estas novas tecnologias. [0:10:10.4]

A: Ok, muito obrigada. (5) E agora entrar aqui um pouco também sobre os benefícios e os desafios que nos traz: alguém tem assim mais desafios que sejam que temos que pensar Bem. [0:10:33.7]

P4: Eu acho que temos muitos. Eu vou seguir o exemplo do P6, que vamos ter aqui uma sociedade árabe em que os homens atropelam as senhoras nos seus primeiros. (...) Eu se calhar sugeria a A que nos fosse perguntando 1 A 1. Depois nós falamos todos ao mesmo tempo. É uma chatice, não é? [0:10:50.8]

O: Ok. [0:10:52.5]

P4: Estou a brincar porque nós estamos aqui à espera uns dos outros. (...) E é assim. Eu acho que nós temos um desafio gigante, porque à medida que nós vamos avançando com os avanços tecnológicos, nós temos o desafio de repensar todos os processos. É o grande tema. É que hoje a inovação não é só termos desenvolvimentos tecnológicos. Nós temos que não correr, não cometer o erro de adotar novas tecnologias. Há processos arcaicos. (...). É uma história que eu tenho contado muitas vezes, mas hoje mesmo, hoje mesmo, almocei com um contabilista aqui de Lisboa e perguntei-lhe porque ele estava-me a dizer que alugava espaço para ter as pastas dos clientes e eu perguntei-lhe, então, mas e quando os clientes lhe enviam os documentos via digital. O que é que faz? Ele então imprime tudo. É mesmo um dossiê. Portanto, ele até já tem um processo avançado, já está a educar o cliente, receber o documento via digital, mas continua agarrado a imprimir o documento e meter no dossiê. Um bocadinho muito parecido, aliás, com o que a P7 acabou de explicar. E ele também usa as (...) e também integra com o e-fatura. Até chateia o cliente quando o documento falta no e-fatura, mas vai confirmar o contrato e portanto, acho que o desafio é nós repensarmos o processo no que diz respeito à digitalização. Acho que ainda temos um outro desafio, que é quem digitaliza, porque já há muito documento a circular via digital e também podíamos falar muito da segurança destes documentos, mas nem vamos perder tempo com isso. Mas ainda há muito documento em papel e é claro que agora nós começamos a ouvir alguns contabilistas e alguns clientes que tiram uma fotografia [ao] documento e já está na contabilidade E acham aquilo superinteressante. Mas aquilo é interessante uma vez, duas vezes. Depois, o próprio cliente vai deixar de achar graça a tirar fotografias aos documentos. Vai não querer pagar a alguém para digitalizar documentos. Há muito pouco tempo estive em localidade x, num escritório de contabilidade que achei espetacular. Portanto, um escritório com 20 e tal pessoas tinha um processo todo digital, mas os documentos chegavam via papel. Então eles tinham cinco pessoas, um escritório grande. Eles tinham cinco pessoas que a única coisa que faziam era tirarem documentos do saco de plástico, tirar a grafos, organizar, digitalizar, arquivar. Portanto, ainda temos aí um desafio gigante nessa nesse processo de digitalização. Quem digitaliza? E temos um desafio enorme no que diz respeito a segurança e o P5 disse muito bem que teve o cuidado de ter *clouds* próprias e com segurança. Mas temos o desafio da segurança digital, da segurança, do processo.

Onde é que anda o documento? E da segurança física? Porque esta coisa de destruir os documentos físicos também tem muito que se lhe diga. (...). Acho que temos uma oportunidade espetacular de poupar tempo e de utilizar o tempo em processos que nos são úteis. Nós já temos todos aqui um bocadinho, uns mais que outros, mas já temos todos mais de 20 anos, não é? E ainda nos lembramos de quando nós gastávamos 80% do nosso tempo à procura dos documentos, a organizá-los, a classificar. A P7 falou nisso. Iam ter num sistema informático. Hoje já está melhor. Já temos integrações com o e-fatura, já temos não sei o quê, mas ainda não conseguimos ter tempo para aquilo que é importante. E eu até costumo brincar com isso, que é almoçar com o cliente. Os clientes normalmente não querem falar com os contabilistas, não é? Portanto, não nos acham graça. Não se percebe porquê. Nós somos pessoas interessantes, mas eles não nos acham graça porquê? E depois nós insistimos, nem levamos balancetes, que é uma coisa que ninguém quer ler. Falamos na conta 27, na 32 e pronto. E aí acabou a reunião. Ele inventa qualquer desculpa. Se nós conseguirmos comunicar com o cliente em português numa forma estandardizada, já agora comparativa, e conseguirmos ir falar com ele à hora do almoço, que é ele ter a boca cheia, não ter tempo de reação. Vamos ocupar grande parte do nosso tempo naquilo que é importante, que é levar informação útil ao cliente. Portanto, eu lembro sempre aos alunos [que] o desafio da estrutura conceptual não é das características qualitativas que nós devíamos ler todos os dias, para não nos esquecermos daquilo que é importante para os nossos clientes. E esse é o desafio. É termos tempo para olhar para os dados e, mais importante que isso, para falar com o cliente sobre os dados. Porque cada vez mais a inteligência artificial vai escrever os relatórios por nós, ou o *Big Data* vai nos dar informação de benchmarking muito rapidamente e à medida que as empresas vão crescendo, vão tendo bases de dados maiores. Tanto nós conseguimos até ter esse *benchmarking* sem depender de informação externa. Portanto, cada vez mais tenho a certeza que o P6 já terá ali, sei lá, dez, 20 restaurantes em localidade x, já consegue comparar as margens entre eles, os gastos com pessoal, etc. Não é? É dar informação útil aos clientes, obviamente salvaguardando a segurança da informação. Não é partilhar informação de uns com os outros, é analisar os dados comparativamente e isso sim, é de valor acrescentado ao cliente. Ainda assim, tenho a certeza que se o P6 mandar um email ao seu cliente, o cliente vai carregar naquele botão mágico que se chama

delete. Mas se o convidar para almoçar e falar com ele, ele vai ouvi-lo. E esse é o nosso desafio. Na minha, na minha opinião e ao mesmo tempo, a nossa oportunidade de enriquecermos com a gastronomia do país. (...) [0:16:35.1]

A: Muito obrigada, P6! [0:16:37.8]

P6: Ia falar. Não é isto. Acima de tudo é este. Estes toques. Mas as senhoras também têm que falar. (...) [0:16:49.9]

P8: Vocês me ouvem. [0:16:51.9]

O: Que. [0:16:52.7]

P8: Eu estou com um problema aqui no áudio e no vídeo. Eu estou numa IPSS. (...) Sim. [0:17:00.0]

P6: Mas. (...) [0:17:03.2]

O: Não se ouve muito bem. [0:17:04.1]

P8: eu estou aqui com problemas de *net* e também vos oiço muito mal. Mas queria dizer um bocadinho da nossa realidade. Nós não estamos ainda para aí virados, estamos ainda assim um bocadinho a anos-luz. (...). A nossa contabilidade é feita de forma analítica e tem que responder a várias tutelas nós para conseguirmos organizar a contabilidade. Portanto, face às exigências quer da segurança social quer do IEFP, chama uma complicação muito mais. Agora tudo no digital era uma loucura, portanto nem conseguimos ainda tão pouco estar para aí virados. Mas (...) é um passo a seguir e acho que a primeira preocupação, pelo menos para nós, é a capacitação do pessoal. Como é que as pessoas vão começar a fazer isso quando a nossa contabilidade é assim tão, tão, tão complicada? Não é complicada, mas tem assim algumas regras para fazer face às exigências [legais] (...). Portanto, nós ainda não estamos para aí virado. Não sei como é que vai ser o futuro. Acredito que que a curto prazo também consigamos começar a dar esses primeiros passos. Mas para já não. Não, de todo. Ainda é tudo em papel. Temos imensas pastas por mês, tudo arquivado em Papel. E Arquivo digital...nenhum arquivo digital, tão pouco está ainda em prioridade. Mas [é] a nossa realidade. Portanto, esperemos que um dia

consigamos. Vamos ver. Além de nós, temos, trabalhamos também com muitos quadros comunitários e eles exigem tudo em papel. Tudo arquivado nas auditorias. Não pedem nada em suporte informático. É tudo em papel. Os processos todos. Temos muitos, muitos processos em arquivo. São sempre exigidos quando há auditorias. Expandir nem nos faz ainda falta nada digital. Temos, claro, temos as nossas coisas digitais, os nossos arquivos digitais, mas tudo que temos digital temos que ter um papel também. E então não é uma prioridade, pelo menos para nós. (...). Mas pronto, acredito que um dia irá ser. Não é? Com certeza. Essa é a nossa realidade aqui na instituição. [0:19:00.0]

A: A P8 tocou num ponto interessante, que é a parte da formação e das pessoas estarem capacitadas também para depois saberem como transformar, como aderir a esta contabilidade. O que é que acham que seria interessante? Alguma formação? [0:19:16.4]

P8: Sim, formação. (...). Ao fim e ao cabo tem que haver alguma formação para o pessoal que trata deste assunto aqui na instituição, em qualquer instituição, acho que 1º seria a capacitação do pessoal e depois então partir para outros fins. Mas na nossa realidade, muitas vezes nós queremos colocar as coisas em suporte digital e é [impossível] (...). Pedido em arquivo [papel]. Então traga-me o dossiê. Eu levo o computador com os documentos. Não quero [diz] o auditor. Não, eu não quero isso [diz o auditor]. Por outro lado, a auditoria, a nível de quadros comunitários, quer tudo em suporte papel, os documentos todos, tudo o que deu origem àquela despesa ou àquele reembolso do que seja da despesa. Portanto, é tudo em suporte, em dossiê, em papel, Tudo. Portanto, para nós, ainda (...) não nos faz falta, entre aspas. [0:20:03.9]

A: Certíssimo. (5) Portanto, agora fazendo aqui um apanhado geral, acho que gostava de saber se é da vossa opinião se os serviços prestados têm que sofrer aqui muita alteração para se chegar a um processo completamente digital. (4) [0:20:31.0]

P6: Assim, faço aqui uma série de intervenientes e mudança de mentalidades. Acho que a maior inovação de todas tem que estar dentro de nós, de aceitar e aceitar mudar. Porque mudar é sempre difícil e se estivermos confortáveis como estamos, não vamos mudar nunca. Aqui acho que é um papel que tem de ser feito até por

Estados, pela própria União Europeia, até tocando nesta questão, nos apoios e nestas questões todas. E se queremos tanto, se queremos tanto e a tanto custo proteger o ambiente, porque não começar a proteger as árvores e deixar de haver papel na próxima versão do Simplex? Acho que até está que a fatura em papel vai desaparecer. E sabes que era uma coisa que teria que acontecer rapidamente, porque isso levaria a que os processos digitais tornassem uma realidade para todos os operadores. o próprio Estado nas inspeções fiscais quer ver documentos físicos, documentos em papel. (...) Já não falo em institutos públicos e institutos que verificam, pois há investimento. Toda, toda essa mentalidade terá que mudar rapidamente. Já deveria ter mudado, porque se não for assim, não vamos conseguir fazer grandes frontal nesta questão, porque (...) tem que partir de nós. E é tanta coisa parte de nós para mudar a própria mentalidade dos clientes, não é? A maior parte dos nossos empresários são microempresários. São as pessoas que de manhã são diretores financeiros a meio da manhã, são operacionais, à tarde já são qualquer coisa. E isso é a nossa realidade portuguesa. Se calhar em muitas das empresas a pessoa mais qualificada que existe é o contabilista externo, que a maior parte das empresas é como se fosse um parceiro e tem que ser um parceiro e portanto, parte de nós mudar a grande mentalidade do nosso tecido empresarial. Mas também tem que haver aqui (...) paralelamente, tem que haver um esforço de todos e o Estado incluído para que isto aconteça. Porque se a fatura em papel deixar de existir, deixa de existir e forçosamente deixa de existir. Quem tem que passar a existir de outro modo qualquer é outro modo qualquer. Podia ser um PDF com segurança, qualquer coisa. O problema é que a maior parte das pessoas não tem capacidade de fazer isto. E isto é o país que nós temos, não é? Portanto, nós falamos disto, mas depois a realidade é bem diferente. E falo do meu universo de 300 e tal clientes, não é? Nem no Alentejo. Mas estou consciente que a maior parte das zonas do país, o empresário (...) não tem tempo até para pensar nestas questões. E se lhe vamos falar destas questões? Se não for com um almoço incluído, muito dificilmente vamos conseguir mudar qualquer coisa. Mas acho que é um caminho que temos que trilhar. Temos que começar. A viagem de 1000 quilómetros começa no primeiro passo. Isto tem que acontecer. Já devia estar a acontecer com todos. Porque isto é inevitável. Que vai acontecer. As máquinas vão tomar conta das nossas operações mais cedo ou mais tarde e se calhar mais cedo do que nós pensamos. E nós, como humanos, temos que

fazer parte do processo no sentido de daquilo que as máquinas nos vão dar. Nós falarmos e rimos e choramos com os nossos clientes. Não é isto. Acho que é o papel cada vez mais dos humanos. (...) Eu há montes de anos atrás falava com os meus colaboradores no sentido de hoje em dia nós olhamos para um documento contabilístico. Há uns anos atrás nem havia faturas, nem ver, nem havia nada do género. Há uns anos atrás nós olhávamos para um documento e pensávamos o documento, classificávamos o documento e introduzimos o documento pelos nossos dedos no teclado. (...) Já existe tecnologia que eu posso pensar no documento e o documento acontece. (...) E até isto podemos pensar que é muito à frente, mas existe tecnologia para fazer isto. Portanto, se existe tecnologia para fazer isto até à própria digitalização, acho que era quase que se nós olharmos para o documento e se uma máquina souber fazer isto, uma máquina que sabe contabilidade, uma máquina que é mais inteligente ou sabe arrumar as coisas bem melhor do que nós? Nós já fomos. Nós já fomos. Nós humanos. (...) As máquinas hoje em dia até com inteligência artificial, é assustador aquilo que se consegue fazer. É inteligência artificial. Então, em termos evolutivos está quase como a anémoma. Imagina quando a inteligência artificial for um T-Rex? Só se for um sapiens. Por exemplo, onde é que nós nos posicionamos nisto? Portanto, nós temos que encetar este trajeto mais rapidamente do que pensamos, porque se não for assim, a nossa profissão, como é exercida atualmente, vai desaparecer, porque vai aparecer uma empresa de contabilidade que em vez de pessoas, tem máquinas, que os documentos passam por lá digitalizados. A máquina? Não. Só os documentos. A máquina sabe contabilidade. A máquina faz relatórios. Inclusivamente, envia-os aos clientes e, quiçá, fala com eles. E nós, humanos? (4) [0:26:25.1]

A: Penso que o P6 perdeu. [0:26:27.8]

P6: Impávidos e serenos. Olhar para tudo temos que atuar já é a minha opinião. [0:26:34.6]

P4: E eu. [0:26:35.4]

O: P9 que ainda não interveio e o P10 que acabou de entrar há pouco tempo, ainda não interviram. Peço desculpa de ter interrompido o P4. Não, não. O P10 acabou de

sair, acabou de cair novamente. Mas a P9 ainda não. Ainda não se posicionou (...).
[0:26:51.8]

P4: Eu prometo que vou ser rápida. [0:26:53.0]

P9: Olá, boa tarde. Eu acho que realmente é uma situação a implementar porque vamos poupar muito trabalho quando as coisas estão realmente a funcionar em condições. Mas há um bocadinho de preocupação em termos realmente [de] segurança e os custos que isto acarreta para nós contabilistas não é para as nossas empresas, porque sempre vamos ter. A informática é um mundo, como todos sabemos, sempre temos problemas a nível de programas e tudo mais, portanto é das principais preocupações é mesmo a segurança e os custos que isso vai acarretar. E depois temos também podíamos efetivamente aqui o cliente auxiliar-nos um bocadinho. Mas temos muitos clientes que estão já com alguma idade, nem um telemóvel sabem utilizar, não conseguem enviar um e-mail, não sabem digitalizar e então essa parte também vai ser um bocadinho trabalhosa, não é? Ou seja, vai haver aqui um avolumar de trabalho para nós até ter o sistema todo a funcionar efetivamente em condições. Mas sem dúvida que é uma situação a implementar. É uma mais-valia para nós também, porque é realmente o futuro. É mesmo isso.
[0:28:10.3]

P10: (...). [0:28:11.4]

P4: Gostava de comentar, até porque gostei muito da intervenção do P6. Eu acho que nós não vamos perder clientes para as máquinas, mas vamos certamente perder clientes para os escritórios que usarem melhores máquinas. E essa mudança já começou. E se nós olharmos um bocadinho para o que se passa à nossa volta? E se formos, por exemplo, ver a realidade do Brasil, onde nasceram grandes cadeias de escritórios de contabilidade *low cost*, que na verdade não são contabilidade, mas fazem aquilo que nós fazemos hoje, que é o cumprimento fiscal. Portanto, o nosso desafio é finalmente, sermos contabilistas. É finalmente produzirmos informação que seja útil para quem toma decisões sobre elas. E já agora, conseguir comunicar e pensar com o cliente, porque a máquina (...) vai fazer o relatório por nós. E (...) até vai falar com o cliente, primeiro escrito e depois vai falar mesmo como nós, mas nunca vai pensar como nós, nem vai conseguir falar naquele momento em que o

cliente está de boca cheia e não consegue reagir. E este é o nosso desafio. É tirar partido de tudo isto para acrescentarmos valor naquilo que nós conseguimos. Claro que eu percebo perfeitamente os medos que a P9 apresentou aqui. Isto tem de servir para essencialmente nós conseguirmos ter tempo de mais qualidade. Nós temos que conseguir trabalhar menos para pensar mais e juntamente com os clientes. Obviamente que tem custos de implementação e esse é um desafio gigante. Não pelo custo da tecnologia, mas pela velocidade com que ela fique obsoleta. Repare, o P6 tocou aqui de uma forma muito leve, mas muito pertinente no quão obsoleto já está a digitalização. Porque muito rapidamente nós, quando formos a um restaurante e dermos o número de contribuinte, não precisamos fazer mais nada. Isso já está contabilizado na nossa empresa. Isto vai ser muito mais rápido do que aquilo que nós pensamos. Não vai haver sequer documentos a circular nem via digital. Portanto, os sistemas vão todos comunicar uns com os outros. Via um organismo qualquer, que pode ser a Autoridade Tributária e os documentos estão contabilizados. Nós aqui temos que validar e temos que, obviamente, arrumá-los bem. A contabilidade é e sempre será um caixote do lixo. Tudo vai parar à contabilidade. Nós só temos que saber organizar bem o nosso lixo para que ele possa ser reciclado (...). A informação útil para o cliente. É claro que todos nós temos o cliente que nos telefona a pedir para tirar a certidão, a pedir para pagar o IUC, não consegue entrar no site da Autoridade Tributária e por aí fora. Mas isto vai mudar rapidamente, porque se nós pensarmos que essas pessoas que hoje têm dificuldade em olhar para o telemóvel e mandar um email, na verdade a maioria delas [só] são preguiçosas, [pois] já tem Instagram para ver o que é que os netos fazem e nós só temos que ir trabalhando com eles, porque esse caminho vai ser muito rápido. Se nós pensarmos, há 20 anos atrás, nós passávamos grande parte do nosso tempo em frente ao fax de sempre ter folha a folha, porque aquilo encrava e hoje já trabalhamos no mesmo ficheiro juntamente com o cliente, não é? E, portanto, tem que ser rápido. E respondendo à O, que acho que é mais importante, o processo já começou a ser transformado a contabilidade com P4. A contabilidade, tal qual como é feita hoje, ela já acabou. Nós é que ainda não nos apercebemos Bem, A contabilidade vai ser finalmente entregar a informação ao cliente. Tudo o resto é uma consequência simples, incluindo as declarações fiscais, que vão tender também a simplificar-se. Felizmente para nós, que assim vamos ter mais trabalho. Os governos portugueses são todos muito

imaginativos e, portanto, todos os anos nos obrigam muito a trabalhar. Depois fazemos palestras e andamos para aí a discutir com os clientes as opções fiscais. Mas tudo isso também vai ter que se simplificar. Vejam a realidade da Irlanda tem uma taxa de IRC sem tributações autónomas, sem acréscimos, sem nada, [de] 12%. E é assim há não sei quantos anos. Qual é o segredo do sucesso deles? Esta estabilidade? Ora, se os contabilistas da Irlanda não apostarem na entrega de informação útil aos seus clientes, o trabalho deles vai acabar porque o trabalho fiscal vai diminuindo. E nós cá vamos ter que perceber que esse é o caminho, não é? [0:32:24.2]

A: E agora, entrando aqui, então na comunicação com o cliente, consideram que a comunicação já tem vindo a modificar-se? Ou se temos que modificar mais a forma como comunicamos com o cliente, o tipo de informação que mostramos ao cliente [deve] ser mais para uma questão analítica? E o que é que acham deste ponto? (...) [0:32:48.1]

P4: Eu estou embalado. A já olhou para um balancete? [0:32:51.6]

A: Sim. [0:32:52.4]

P4: Não há nada mais horrível, pois não? Imagine o que acontece ao nosso cliente quando recebe um balancete. Ele, que até é diretor financeiro de manhã, comercial à tarde, pode dar à noite. Não é? Não funciona. Portanto, nós temos que conseguir falar com o nosso cliente em português e não em contabilidade. Isto é um desafio para nós. E tem que ser num português que ele consiga entender. E já agora, que lhe seja útil, não é? O que é que lhe adianta? Tem aqui uma demonstração dos resultados. O resultado é 30.000 €. E o que é que isso significa? Ele vai logo fazer aquela pergunta Ok, onde é que está o dinheiro? A seguir nós vamos ter que analisar com ele. Se vendeu mais, vendeu menos, comprou melhor. Se comprou pior. Eh. Como é que estão os gastos com o pessoal? Como é que estão as máquinas? Se já estão depreciadas? Se não estão. Ele nunca vai ter essa capacidade, a menos que seja já uma empresa. E em Portugal nós temos micros e pequenas empresas. Nós temos que conseguir levá-lo a percorrer este caminho em português de Portugal para que ele perceba. É assim que conseguimos fazer isto. É isto. Nós fazemos melhor que a máquina, mas a máquina vai aprender. Aí sim, vamos acrescentar valor ao nosso cliente. Esta é a minha opinião. [0:34:06.3]

A: E obrigada. (4) Mas alguém tem mais alguma coisa a dizer sobre este tema? (...) [0:34:16.7]

P6: Sim. Nesta (...) parte de informação ao cliente que ao fim e ao cabo está em cima do bolo do trabalho de um contabilista que sempre assim fosse vai ser mais saborosa para o cliente porque chegará se chegar à altura de nós. Realmente temos tempo para pensar e temos tempo para pensar com o cliente. Eu cheguei a ter reuniões de 01h00, 01h30. Falo se calhar 20 minutos de contas, não é? É muito importante nós descomplicarmos o contabilista para as pessoas realmente [o] entenderem. E não há uma fórmula mágica, porque nós como somos, somos todos zebras. Somos todos diferentes uns dos outros. Nós não podemos falar para todos igual. Isto é quase como nós estarmos num palco e na assistência estão várias pessoas e várias pessoas vão entender as coisas de maneira diferentes. O contabilista do futuro e do presente tem que estar adaptado a poder falar com o mais justificado dos CEO e poder falar em rácios financeiros e isto, aquilo, aqueloutro. Mas também tem que estar adaptado, falar uma linguagem super simples para o mais simples e humilde dos comerciantes. E isto faz e deve fazer isto para chegar cada vez mais longe. E é esta comunicação com o cliente [que] é o ponto mais importante da vida de um contabilista e é o único sítio onde nós podemos acrescentar valor. Porque fazer contabilidade melhor ou pior? Contabilidade bordada a ouro ou não? O cliente está-se pouco a marimbar para isso. Agora um cliente que é informado atempadamente e aí as máquinas podem-nos ajudar? E digitalização? Inteligências artificiais? *Whatever*... tudo o que nos possa ajudar cada vez mais cedo e informar os clientes do estado de saúde da sua empresa, como transformar lucro em dinheiro, que é outro mito que existe, que nós falamos em lucro e ele diz que não tem dinheiro, [e] são coisas completamente diferentes. Ah é, mas isso é preciso tempo para nós falarmos. Se nós ganhamos tempo no processo, tem[que] nos sobrar tempo para falar com eles sobre estas coisas simples da vida e da contabilidade e das empresas. Portanto, é cada vez mais este o nosso papel. [0:36:52.1]

A: E muito obrigado pela sua opinião, P6. Penso que já tocámos em todos os assuntos em que eu precisava. [0:37:00.9]

O: Posso lançar um desafio? [0:37:02.8]

A: Sim, sim, claro. [0:37:03.8]

O: Pronto. Então eu vou lançar aqui um desafio, se me permitirem. E pedia só uma, portanto, aos senhores, porque são aqueles que já aderiram dissessem qual foi o principal benefício que colheram da digitalização. Basta um aquele que destacam e às senhoras que aparentemente não ainda não aderiram, qual é para elas, na opinião e no caso em questão, qual é o principal entrave? (...) Para quem já aderiu? Principal benefício aquele que destaca como principal benefício quem ainda não aderiu ou tem uma adesão ainda muito limitada, que é o caso das senhoras. Qual é o principal entrave? [0:37:52.1]

P4: Posso dar três exemplos de (...) [benefícios]. Então, claramente a poupança de tempo, a diminuição do erro e a capacidade de surpreender o cliente com a informação que ele não estava à espera. (...) [0:38:10.2]

P6: E aqui acrescento um obrigado do cliente por lhe podemos dar isto tudo mais cedo e a referenciação do cliente que é a prova maior de todas que ele está satisfeito connosco. (5) [0:38:33.5]

P9: Eu posso voltar a frisar os mesmos pontos de há pouco [de entraves] a dita segurança e os custos. (5) [0:38:45.7]

P8: Eu também posso frisar [como entraves] os custos, a capacitação do pessoal e também, portanto, o acompanhamento das tutelas no nosso caso, que também consigam depois ler aquilo que nós entregamos. Não, eles não estão preparados para a era digital. Acho que para nós é o maior problema também. (7) [0:39:11.5]

CO: Falta a P7 Precisa ser. [0:39:14.0]

P7: Mais ou menos. É o que tenho estado a dizer [como entraves] também aos custos e à falta de tempo também que ainda vai havendo para nos dedicarmos mesmo a estes processos. (6) [0:39:29.4]

A: Também não sei se mais alguém tem alguma coisa a partilhar. (...) [0:39:35.8]

CO: Eu também era capaz, se me permitirem só um último, um último ou não dependente, mas também uma questão que. Pronto. Primeiro, agradecer de facto as

vossas opiniões e as vossas percepções muito interessantes (...) Se calhar para ambos, não é? Falámos um pouco das competências e percebemos que para quem já, digamos, tem todo o trabalho já muito organizado em função, digamos, da era digital. Percebemos que a comunicação é uma competência que mostraram ser de muita importância e, portanto, será uma mais-valia no contacto com o cliente. Quer dizer que os contabilistas terão que ter essa competência? Mas que outras competências entendem que o contabilista deve ter? Nesta transição? E depois? Na contabilidade digital. Para além da comunicação. [0:40:48.2]

P4: Psicologia. [0:40:48.8]

CO: Era para todos, era para todos. [0:40:51.7]

P4: Eu posso referir. Psicologia e Filosofia. Acho que os novos desafios vão ser cada vez mais humanos e cada vez menos técnicos. E com isso, nós vamos conseguir levar também as pessoas a repensar os processos e a perceber como é que vão tirar partido dos novos processos e de avançarmos neles. Pronto. Mas as outras competências acho que já todos são muito evidentes. (...) [0:41:22.5]

P6: Sim, cada vez mais há coisas realmente humanas. Trabalhar muito a empatia, trabalhar muito *report*, trabalhar toda a linguagem não verbal que existe no nosso mundo e interagimos com as pessoas. Devia haver montes de cursos para empresários sobre estas coisas. Não há. Devia haver. Inclusivamente um curso como ser empresário, que também não há por toda a gente poder ser empresário. (...) E isso ajudava muito este país a ser muito melhor. E além do que já somos. Mas de certeza que nós, com a nossa capacidade grande em talento, que nós conseguimos dar mais cartas. (6) [0:42:19.4]

CO: Vai ser engraçado que se tenha dividido assim num grupo de senhoras e senhores. (...) Mas não sei se se digamos aquilo que estamos a conversar, se gostavam de salientar alguma, alguma dessas competências ou não têm opinião. (6) Vamos entender o silêncio como não tendo opinião ou não querendo partilhá-la, não é? A, Obrigada. Pode continuar. [0:42:58.8]

A: Pronto, já toquei em todos os pontos que pretendia. Acho que foi benéfico para todos esta nossa discussão. Agradecer desde já a vossa disponibilidade e as vossas

opiniões que vão ser bastante válidas, pois para o meu projeto (...). E é isso. Não sei se mais alguém tem mais alguma coisa a dizer. (...) [0:43:21.7]

O: Eu só queria agradecer também tanto a presença de todos e aquilo que partilharam connosco. Acho que saímos daqui, deste *Focus group*, todos mais ricos, tanto em conhecimento sobre esta temática. (...) [0:43:40.1]

CO: Faço minhas as palavras da A (...) e da O e agradeço novamente a vossa disponibilidade para estar connosco e pela partilha. [0:43:52.3]

P4: Obrigada, eu pela minha parte é que agradeço o convite e, portanto, Parabéns A, bom trabalho. [0:43:58.8]

P10: E. [0:43:59.3]

P4: Muito sucesso. [0:44:00.9]

P11: Obrigada. [0:44:02.4]

P7: Felicidades e tudo a correr bem. [0:44:04.8]

Anexo 4 – Transcrição Sessão 2

Sessão 2

Sumário

Tópicos-chave:

- Utilização de tecnologias digitais na contabilidade
- Diferenças entre contabilidade tradicional e digital
- Desafios e benefícios da contabilidade digital
- Ferramentas e *software* de contabilidade digital
- Formação e adaptação à contabilidade digital

Discussão:

A discussão centrou-se na importância crescente da contabilidade digital, com participantes como P4, P5 e P6 partilhando experiências e perspetivas sobre a transição do papel para o digital. P4 e P6, que já trabalham com contabilidade totalmente digital desde 2021, destacaram a eficiência das ferramentas de CRM e a capacidade de tratar documentação digitalmente, o que facilita o trabalho com clientes à distância e permite um controle mais eficaz das operações. P5, por outro lado, mencionou que no seu escritório Na localidade X ainda estão numa fase inicial, utilizando o *software* TOC *Online*, mas planeiam expandir o uso da contabilidade digital em 2025.

Outro ponto relevante foi a discussão sobre o que constitui a contabilidade digital, com alguns participantes inicialmente confundindo-a apenas com a digitalização de documentos. A conversa esclareceu que contabilidade digital envolve a automação de processos como lançamentos e reconciliações bancárias, utilizando robôs de contabilização e outras ferramentas avançadas que permitem uma gestão quase sem papel. Os desafios mencionados incluíram a resistência à mudança por parte de alguns profissionais mais antigos e a necessidade de formação para utilizar

eficazmente as novas tecnologias. A discussão também tocou na importância de entender as ferramentas disponíveis e como a falta de conhecimento da existência das mesmas pode ser um obstáculo para a adoção mais ampla da contabilidade digital.

Transcrição

O: Já está a gravar. [0:00:03.6]

A: Muito obrigada! Eu vou lançar aqui algumas questões e o intuito era nós discutirmos todos sobre estas questões e não ser uma pergunta direcionada para A, B ou X. A primeira questão seria então como é que se auto posicionam em relação à utilização de tecnologias digitais na contabilidade? Se acham importante, se não, consideram que seja uma mais-valia? (6) [0:00:34.2]

P3: Bem, posso começar a dizer qualquer coisa. Eu acho que esta parte digital nos dias de hoje é muito importante, principalmente para os mais jovens, se calhar aqueles contabilistas mais antigos [nem tanto]. A gente aqui somos todos mais jovens, [os contabilistas mais antigos] não estão tão dentro do assunto e se calhar põe algumas reticências a estas coisas porque também não é da geração deles. Mas acho que para nós é muito importante que estamos já muito habituados a lidar com as tecnologias. (4) [0:01:12.2]

A: Obrigada P4 [que, entretanto, entrou], só meter-te aqui a par. Começámos mesmo agora (...). [0:01:19.3]

P4: Estava sem internet? [0:01:21.5]

A: Não tem problema. Dizer-te aqui que a questão que está em cima da mesa é como é que se auto posiciona em relação à contabilidade digital? Se consideras que é importante, que é uma mais-valia ou se achas que que não vale assim tanto a pena aderir a esta contabilidade. [0:01:39.8]

O: Desculpa A, também [suposto] cada um dos intervenientes poder logo dizer em que ponto está [em relação à contabilidade digital], se já avançou alguma coisa, se ainda está numa fase muito embrionária, se está muito tradicional. Também era importante [referir isso] nesta primeira abordagem. (6) [0:01:59.3]

P5: (...) Eu trabalho no Escritório de Contabilidade na localidade x e ainda não começamos. Temos um programa, um *software*, usamos o *TOC Online*. Está preparado? E temos alguns clientes. Muito poucos por enquanto [preparados para avançar]. Mas há dois ou três clientes [onde] podíamos avançar já. Eu acho que é extremamente importante e muito vantajoso em vários aspetos, deixar de ter tantos documentos. (...) E em princípio, vamos mesmo começar também por causa de umas conversas que tenho tido com a A. Vamos mesmo avançar agora em 2025, com dois ou três clientes. Vamos eu e o resto do pessoal. Somos mais sete lá no escritório. Há muita resistência e eu sei que mesmo para mim vai haver um período de adaptação. Por exemplo, a A ontem estava-me a dizer que trabalha com dois monitores e que é muito normal para estar a ver os documentos e para estar a ver o programa e pronto. Talvez isso seja importante, eu não tenho. Nós não estamos habituados a trabalhar assim. Pronto, sei que vai haver uma adaptação, um período de habituação. Espero que não seja nada de especial, que não seja muito difícil. Mas pronto. Para já, ainda não estamos a fazer nada, mas acho que é muito vantajoso. E vamos começar. [0:03:27.0]

A: Obrigada, P5. (...) P6, ia falar há bocado? (7) [0:03:38.9]

P6: Para dar a palavra, mas se calhar posso falar aqui por nós os três. Tanto eu como a P7 como o P8 estamos a trabalhar com contabilidade digital totalmente digital, ou seja, tudo o que é documentação digital. Chegamos aqui ao pormenor, às vezes pequenas coisas que noutras circunstâncias não iríamos tratar e acabamos por também tratar em digital. Como já trabalhamos desde 2021 com contabilidade digital, pronto, já estamos aqui. Temos aqui já uns passos dados nesta parte. Socorremo-nos muito de ferramentas de CRM e coisas do género para controlarmos. Permite-nos controlar outras coisas que, sem essas ferramentas, ia ser muito moroso e ia ser impossível tentar ser uma boa experiência. Permite-nos trabalhar nos localizados, ou seja, trabalhar em clientes. E isso é uma coisa que se não fosse digital, era muito difícil. Não era impossível, mas era muito difícil. Tem sido. Tem corrido bem. Eu acho. A P7 e o P13 também podem acrescentar qualquer coisa. (...) Acho que é por aqui o caminho. (...) Quando falamos agora aqui da passagem para o digital de contabilistas mais antigos. Lá atrás havia a escrita francesa da contabilidade e também se passou para os programas [informáticos]. Também foi

um passo. E mesmo contabilistas mais antigos com certeza concordarão que foi um passo importante. E era por aí o caminho. E o próximo caminho vai ser este da contabilidade digital. (7) [0:05:28.2]

A: Ok, então se calhar passamos para uma questão mais direta. Queria perguntar (...). [0:05:34.6]

P3: Agora é só dizer [isto]. Estava a ouvir aqui o P5 a dizer que no escritório dele ainda é tudo muito papel. O P6 no escritório dele é (...) tudo digital. No escritório estamos assim, num meio termo. Ainda há aqueles clientes que estão habituados ao trazer tudo em papel e já temos clientes que é só digital, então temos as duas vertentes. Mas estamos a tentar cada vez mais que os clientes tragam/enviem os documentos digitalmente, para também conseguirmos fazer a contabilidade esmo no digital, mas alguns é complicado. Também há empresas mais antigas que são um bocadinho relutantes relativamente a essas coisas. [0:06:25.3]

O: Permitam que antes da A intervir, vos questione uma coisa: o que é que consideram contabilidade digital? Porque a mim está-me a dar a sensação que vocês estão a confundir ou a (...) achar que contabilidade digital é a digitalização de documentos. O que é que vocês? O que é que para vocês é contabilidade digital? Que isto também é importante percebermos, porque se não percebermos do que é que estamos a falar, podemos estar aqui a falar de coisas (...) distintas. E eu acho que o P5 eventualmente também não está completamente assim [tradicional]. [Não está na era dos livros diário-razão, portanto, essa época também já passou. Portanto, também não estamos completamente tão lá atrás. Mas o que é que vocês consideram a contabilidade digital? O que é que cada um de vocês, aqueles, nomeadamente, que já intervirem e os que não intervirem? O que é que é para vocês? Contabilidade digital? (...) Isso acho que entronca com a pergunta que a A ia fazer que é que [sobre] as ferramentas que utilizam exatamente? [0:07:32.4]

P5: Eu estou a aperceber que se calhar não sei o que é contabilidade digital. Eu estava a falar apenas no arquivo digital e se calhar não. Não, não estava mesmo a falar da mesma coisa. (...) [0:07:43.8]

P6: Estamos todos a encaminhar para a conversa para digitalização da contabilidade, porque a contabilidade já é digital a partir do momento que temos computadores, já outros tantos. (...) Não sei. Se alguém quiser acrescentar alguma coisa. (...) A digitalização da contabilidade já é. Já havia programas para fazer contabilidade. Mas pelo menos quando vejo esta questão de contabilidade digital é a ausência total do papel e um computador. É que neste caso tenho dois monitores, mas o monitor do computador são três e não há qualquer documento que me passe pelas mãos. Zero. Nada. As emissões de certidões não ir aos portais, tirar coisas, tirar informação, ter software para essa finalidade. Livros, atas, idem aspas. É a total ausência de papel. No meio disto tudo, é isso que me refiro a contabilidade digital. [0:08:44.9]

P3: Sim, também a minha opinião também é de acordo com a do P6. Sim. (6) [0:08:55.9]

O: Não estamos a ouvir, P8? (16) Agora talvez sim. [0:09:16.1]

O: Não te tiro o auricular mesmo do computador e tento falar com o micro do computador. (26) [0:09:49.1]

A: Enquanto está a Sair e voltar a entrar. Se calhar. [0:09:52.8]

P4: É. [0:09:53.2]

O: Talvez seja melhor. Enquanto o P8 está a tentar resolver o problema aos outros que a quem já interveio e que está a pensar. Contabilidade digital e digitalização de documentos não utilizam ferramentas. Não que que façam já alguma, alguns automatismos, alguma contabilização automática, portanto. (...) É mesmo só exclusivamente digital e papel digital. [0:10:20.1]

P6: Vou, Vou. Não sei se alguém quer, mas vou guardar esse ponto. Neste momento, já (...) há cruzamento do digital. Cruza com o e-fatura? Sabe o que é que é para lançar? Sabe quais é que são as contas *online*? Funciona assim nós também estamos já a funcionar assim há tempos. Temos a possibilidade de nem sequer ver documentos. Ou seja, eu carrego 50 documentos, eu conheço o um fornecedor que sabe as taxas de IVA. [O programa] lançou-me o documento e aqui é que é o expoente

máximo da parte de digitalização, ou seja, passar os olhos por cima daquele documento pelo documento para me considerar um custo de uma determinada natureza. (...) Nós ainda não chegámos aí porque não temos 200% de segurança nesse procedimento. (...) Mas havemos de lá chegar? [0:11:17.2]

P3: Sim, sim. No escritório onde trabalho também funciona assim: nós carregamos, ele faz o cruzamento com o e-fatura e nós nem precisamos de ver as faturas. Claro que temos sempre cuidado, Cuidado, porque às vezes há fornecedores que nós temos a certeza que só [têm] essa ou aquela categoria de despesas, mas há outros que temos mesmo que ver os documentos também porque não é 100% fiável ele lançar tudo sozinho. (...) Se não dermos uma vista de olhos em certos documentos, também de certos fornecedores [pode haver erros]. [0:11:54.5]

P6: Sim, sim. Não sei se o P5 também [quer referir alguma coisa]. [0:11:57.4]

P5: Sim. Nós no escritório usamos o *online* e também eu uso ao máximo. Posso de lá extrair a fatura, não é? Lança no [*software*]. Pronto. Depois vai pôr os documentos na pasta pela numeração que sai do produto, pela numeração do TOC *Online*. Sim, todos aqueles fornecedores, como estavam a dizer que a gente sabe que é sempre a mesma coisa, muitos construtores, há sempre aqueles compram naquele fornecedor tudo isso. Mas pronto, tenho ali na maior parte das contabilidades ou em grande parte, mais de metade, se calhar 60% dos documentos são lançados automaticamente. Só vou enumerá-los. Sim, essa parte já estamos a fazer. [0:12:42.5]

P6: Na minha opinião, levanta também desafios, porque ainda há o requerimento, o documento original e o lançamento. O lançamento por e-fatura. É muito apetecível ignorarmos a questão de termos um documento e muito apetecível chegarmos à fatura, Ok? Já que tenho a informação toda, já não preciso do documento. Isto é sempre igual. Levanta também estes desafios, não é? Estarmos a (...) cumprir com o código do IRC, que na minha opinião está a ficar para trás nestas questões. Mas tudo bem. Mas levanta alguns desafios nisso. Nesta parte necessária quer dizer alguma coisa? O P13? (...) [0:13:23.5]

A: Não, ainda não. [0:13:24.5]

P7: P13, estou com dificuldade em ouvir. Estou-vos a ouvir muito mal, mas é sobre a contabilidade digital, certo? [0:13:35.1]

A: Sim, sim. (...) [0:13:38.9]

P6: Nós trabalhamos os três juntos. Não sei se já tinha dado para perceber. Eu, [a P7], (...) P13, trabalhamos na mesma. Somos colegas. [0:13:45.8]

P7: Trabalhamos Juntos. Nós não temos qualquer tipo de papel à frente. Trabalhamos diretamente só com o programa e todas as ferramentas: CRM, TOC *Online* e todas as ferramentas digitais e facilita imenso o nosso trabalho. Eu, pessoalmente, não voltaria à era do papel. (...) E é bastante mais rápido e bastante melhor em termos da contabilidade digital. Eu não sei se estou a responder às perguntas que realmente fizeram porque ouvi muito mal. Estou com muitos problemas na *internet*, mas pronto, consegui apanhar que era a contabilidade digital. Não sei muito bem se estavam a falar sobre isto ou não. [0:14:37.1]

P6: Mas também encontramos as dificuldades da P3. Também temos clientes que (...) [não nos trazem nada em papel]. Carregam tudo numa plataforma que disponibilizamos no TOC *Online*. Também faz isso com um endereço de email, que também tem esse programa. Mas também temos o cliente que não, não está interessado nesta parte de enviar documentação e acaba por fazer à antiga a entrega da documentação. [Nesses casos], nós digitalizamos e para estarem todos enquadrados em contabilidade digital, isto principalmente por causa do encerramento de ano, quando é preciso ver um documento conferir, está ali à distância de dois ou três cliques. Ao passo que ir conferindo documento em pasta [seria complicado]. (...) Para já não estamos todos nos sítios onde estão as pastas, (...) e acaba por ser a grande vantagem da digitalização da contabilidade. E depois para os automatismos. O, podemos lá chegar. Também há umas coisas que começam a aparecer, alguns clientes, mas já lá chegamos. (...) [0:15:53.6]

A: Ok, agora que já percebemos mais ou menos onde cada um se posiciona, [vou], então, pedir que cada um desse pelo menos um benefício e um desafio da contabilidade digital, visto que já estão todos com a contabilidade digital a fazer a transição, já conseguem identificar um benefício e um desafio. (...) [0:16:15.0]

P3: Um desafio é mesmo a tentar fazer com que os clientes também entrem um bocadinho no espírito. A meu ver, porque há aqueles clientes que nem os extratos bancários para fazermos as próprias reconciliações querem levar em papel, não levam em digital. Então é o maior desafio para mim. E isso é difícil. (...) [0:16:44.9]

P8: Eu acho que sim. [0:16:47.9]

P5: Ia dizer Desculpa, A. Outro desafio para além dos clientes, que na localidade x, por exemplo, a maior parte já tive ali colegas a dizer nós só avançamos para o digital quando estes clientes [se] reformarem todos, porque até lá, [será] para esquecer, eles nunca vão fazer de outra maneira. Vão levar sim para a papelada. Mas outra é também convencer os colegas a abandonar (...) [os hábitos antigos]. Há muita gente que oferece resistência. Eu ali vejo isso (...). Por exemplo, eu estava a dizer que lançava *online*, vai buscar o e-fatura e lança os documentos. Eu tenho ali muitas colegas que não finalizam um único documento. Têm que fazem isso, vão lá buscá-los, mas depois vão finalizá-los um a um, a ver o documento e acabam por não ganhar tempo quase nenhum porque não confiam, não confiam na máquina, não no digital. Isso é outro desafio. A grande vantagem para mim. O P6 já referiu outras, mas (...) o não ter papel e o o espaço que se ganha, não é? E também, em princípio, a organização vai ser mais fácil. (...) Não havendo tanta papelada, tantos documentos, tanto arquivo. (...) [0:18:15.3]

P8: Sim. (4) [0:18:20.0]

P6: P8, o P8 já está. [0:18:22.7]

A: O P8 não tem o P8. Se calhar se conseguisse escrever pelo menos no chat ou assim. (...) [0:18:29.5]

P9: Eu vou vos colocar. [0:18:30.7]

O: Uma questão, uma vez que nenhum ainda avançou para coisas do género robôs de contabilização. O que é que vos impediu, por exemplo, de dar esse passo. Porque a contabilidade digital não é só como sabemos, não é só ter os documentos em suporte de papel. Há outras coisas que já possibilitam, nomeadamente os robôs de contabilização, que até já existe há bastante tempo. Alguns já estão até

desatualizados. (...) Qual foi o principal motivo que vos impediu de dar esse passo, por exemplo? (5) [0:19:08.0]

P6: Não posso avançar por isso. Nós estamos a utilizar robôs para cruzamento. Era aquela questão que falávamos há pouco, do podermos carregar documentação e nem sequer pormos a vista em cima. E ele vai fazer o arquivo, vai lançar tudo e não olho para o documento, ele vai cruzar tudo. Nós já temos isso. O nosso próximo passo é fazer isso em série. Ou seja, tudo. Já temos uma opção. Neste momento, que é de cerca de seis meses, não tínhamos que era dizer assim tudo o que entrar daquele fornecedor e não quero saber dessas faturas, carrega lá isso, que é só isso a aparecer no balancete. Já temos essa opção. Uma coisa que vamos arrancar agora em 2025, fazer testes, testes, testes para ter a certeza que está tudo, tudo, tudo ali, ok? Não há documentos fora dos meses ou fora dos dias pretendidos. Ou que duplicações ou duplicações. Saber como é que testá-las. Isso acaba por ser um desafio. Mas essa parte da atualização já vamos fazer uma coisa também. A partir do momento que tiver essa parte automatizada, deixamos de fazer isso. Vamos parar de fazer lançamentos de contabilidade, faturas. Vamos ter o grande trabalho que neste momento temos, e é o que nos ocupa mais de 50% do nosso tempo que [são] as considerações bancárias. No nosso caso, também já temos. Já testámos e já, aplicamos nós em poucas empresas, porque aquilo depois também não ajudava a parte bancária. Mas, e para além das contas de consulta? Tentamos sempre isso com os nossos clientes. Para nós, não temos de chatear extratos e extratos em *Excel* para importar. É que dá o mesmo trabalho importar um extrato de *Excel* com cinco linhas do que ter 500 exatamente da mesma coisa. E depois o próprio cruzamento, a identificação dos valores por valor. Ele é o próprio programa. Ir lá e embrulhar-se ali só se não for na mesma data. Ou se for mais do que um valor. Nós temos que definir isso, mas a própria integração do (...) *Banking Automation*. Mas aquilo até tem um nome no teu nome, no sistema bancário que no fundo é cruzar o nosso programa. Acho que agora também já tem cruzado o nosso programa com o sistema bancário em que ele próprio vai. Ele próprio consegue ir ler informação e agora também já faz os recibos a partir dali. Ou seja, está tão integrado que eu vou ao fim do mês, carrego ao fim da semana, carrego e vou emitir os recibos no meu programa. Daquilo que já está no banco, já passámos à frente da conciliação bancária e isso é

outra questão. Já começam a emitir recibos por ali e já começo a cruzar por ali. Isto para ir a essa questão das automatizações que a professora estava a questionar. Há depois outra. Outras já outras plataformas e outras plataformas que cruzam umas com as outras. Aí uma plataforma que é muito interessante, que cruza programas de faturação com programas de recebimento e ele, quando deteta o recebimento, dispara uma fatura e o próprio cliente ainda tem que se preocupar em andar preocupado com o disparar faturas com recebimentos. Isso já foge um bocado da contabilidade para a parte comercial, mas são automatismos, [de operações] que já não precisamos de estar. É totalmente automático. Por isso. [0:22:41.8]

O: O que é que vos impediu de dar esse passo há mais tempo? Foram custos. Foi falta de confiança no próprio, no próprio processo. O que é que vos impediu de dar esse passo que estão a dar agora há mais tempo? [0:22:56.2]

P3: Acho que é um bocadinho falta de confiança de não vermos os documentos. Ainda ontem fui à reunião à formação da Ordem e até um dos formadores estava a dizer que teve uma situação numa das empresas dele que lançou faturas automáticas e o fornecedor vendia madeira e no meio ia lá um camião. Por acaso ele em vez de vender madeira, vendeu um camião? Essas situações [é que dão receio destas automatizações]. Depois vieram fazer uma fiscalização e agora era o que ele dizia, é muito bonito, passámos para tudo digital e é mandar os programas fazer tudo. Só que às vezes pode haver uma exceção e pode dar uma carga de trabalhos. (6) [0:23:51.8]

O: P5, na perspetiva de quem ainda não avançou muito, quais foram os principais entraves. [0:23:58.3]

P5: Ah O! Eu nem sequer sei o que é que é um robô de contabilização. Não sei o que é que posso ajudar nesta causa. Eu não sei. [0:24:08.2]

O: Peço desculpa. [0:24:09.8]

P5: Não há problema. Nós usamos o *online* pronto e então lançamos a faturação toda através das chaves de faturação e vamos buscar. Como eu disse, lançamos os documentos de compras e as despesas através do e-fatura. Eu não sei se isso é considerado um robô de contabilização, porque as coisas que o P6 estava a falar eu

sinceramente nunca ouvi falar. Eu não sei bem. Nós, se calhar, estamos muito atrasados e eu nunca me tinha apercebido. Eu não sei agora, nesta conversa. Olhe, me disser o que é que é um robô de contabilização, talvez lhe possa dizer. (...) [0:24:55.1]

P6: E no fundo não é tão automatizado. Mas no fundo é ele conseguir ler faturas e ele próprio definir para onde é que vai. Por exemplo, vou dar um exemplo do que acontece no TOC *Online*. O TOC *Online* conhece que é o programa do P5, utiliza o TOC *Online*, conhece as naturezas das despesas? O que é que quer dizer com isto? O TOC *Online* sabe que se encontrar um contribuinte VIP, ele vai-me sugerir o lançamento de uma conta de eletricidade. Acaba por ser já um robô. (...). No nosso caso, para além de identificar a despesa e ele encontrar faturas, encontra no e-fatura o contribuinte. Eu disse. Ok, está aqui faturas deste contribuinte e de eletricidade, vou lançar eletricidade. Eu já não vou ver aquele documento e é uma fase mais avançada destes robôs. Mas eu acho que se pode considerar esta questão do TOC *Online* que conhece, provavelmente por causa dos CAES. Sabe que aquele contribuinte, ou é um restaurante, por exemplo, sabe que aquele CAE (...) principal daquele contribuinte é um restaurante. O TOC *Online* vai-me sugerir lançar uma deslocação e estada, uma despesa de representação e por aí. Acho que é por aí. (...) [0:26:19.1]

O: Só automatismos, inteligência artificial. Principalmente porque os próprios Robôs, que há alguns contabilização já são um bocadinho desatualizados. (...) [0:26:29.4]

A: P5, só perguntar a nível de reconciliações bancárias, como é que o P5 faz? [0:26:34.7]

P5: Ainda não estamos a utilizar a ferramenta do *online*, de maneira que é à antiga no *Excel*. No *Excel*. Sim, sim, sim. Com o extrato bancário é o extrato da conta que tiramos do sistema do *software* de contabilidade e picamos. (...) [0:26:55.2]

P8: Ok. (...) [0:26:58.3]

O: P6 estava a olhar para o P5. O que é que acha que o P5 perde ou o que é que vocês ganham em produtividade? Tempo? Tanto da forma como fazem comparativamente com a forma como o P5 faz. (8) [0:27:20.3]

P6: Para o P5? (..) [0:27:23.2]

O: Não, não. A pergunta é para o P6. [0:27:25.2]

P6: Peço desculpa que não tinha percebido e pronto. De que forma? Por exemplo, na conciliação bancária nós ganhamos muito tempo: [o]que estava a dizer, picar, picar. (...)) Acabamos. Ok. Lançamos a contabilidade: Por exemplo, aquelas notas de lançamento que costumava utilizar, em que eu ia preencher uma nota de lançamento ou através de um documento ou um documento *Excel*, em que ia preencher uma nota de lançamento e dizer lançamento. E este é o lançamento no dia tal. Com a descrição tal que aparece no banco e para a conta tal e depois a seguir alinhava lançamento tal [na] conta tal. Pronto. Nota esta parte, a ferramenta de conciliações que temos integrado no próprio programa, eu vou concilio, [porém], falta-me conseguir tudo o que lancei. Faltam dez ou vinte movimentos. Eu vou a cada movimento e digo assim “Ok”, abre aquilo (...) e aquela linha do extrato bancário abre. Só tenho de identificar para quando é que vai, qual é o diário e eventualmente o descritivo, se não for sempre igual. E ao fazer isso, ele vai criar um registo na contabilidade com o descritivo, o dia do lançamento e o valor. E evita a nota de lançamento que faria à mão em circunstâncias convencionais. Ele vai criar o registo contabilístico logo a partir daí. (...) Evita esta parte do ter que estar a imprimir uma nota. Tem que estar lá a escrever [e] por aí fora, porque ele vai me absorver esta informação toda. Quando vai criar o movimento do outro lado, fica com a nota de lançamento, com o número de registo contabilístico, com o ano com o mês e com o diário, fica logo automatizado. Poupa-se um bom, um bom bocado aí nessa parte a picar extratos à mão. Pronto, Não fazemos, ou raras exceções, porque tentamos sempre ao máximo obter o extrato *Excel* ou termos acesso ao banco para tirarmos extrato *Excel online*. Algumas circunstâncias mais específicas, às vezes com mais dificuldade, outras vezes com menos. Mas converter PDF para *Excel* para depois conseguirmos integrar na nossa ferramenta. E poupamos muito, poupamos muito, muito tempo nesta parte. E pronto, conseguimos ter as reconciliações em dia mais ou menos. Umas mais, outras menos, mas é aí que eu acho que tem sido melhor. No nosso caso, no caso que nós experienciamos, digamos assim, não sei se se concorda o P5 e a P3. (4) [0:30:15.2]

P3: Sim, acho que dá muito menos trabalho. Eu, por exemplo, no programa onde trabalho, que é o Eticadata, nós carregamos o extrato em *Excel*. Se nós já tivemos o movimento lançado, ele associa-se, não pré-prepara o movimento e não desce. Depois é só dizer para onde é que ele tem que ir. Então é muito mais simples. [0:30:39.6]

O: Estamos a falar essencialmente de ganhos de tempo, certo? [0:30:42.4]

P8: Sim. (...) P5. [0:30:46.2]

A: Quais é que achas que são as competências que faltam no teu escritório para adquirir estas novas tecnologias? (...) [0:30:55.7]

P5: Olha, por exemplo, a ferramenta da reconciliação bancária do TOC *Online*. Ainda não experimentei, mas tem lá uma ferramenta que há de ser mais ou menos, não sei se mais atrasada, ou não, do que essa que vocês estão a falar. E a minha chefe, já me disse P5, quando tiver tempo há de estudá-la, preparar e meter isso a funcionar, porque estou ali assim, o mais virado para a informática (...) E pronto, queria ver se antes do final do ano ia lá ver [como funciona] a ferramenta. Agora fiquei com mais vontade de ir experimentar a ferramenta depois de ouvir o P6 e a P3. [0:31:38.4]

P3: Só uma nota (...) está lá tipo um tutorial. Uma formação que explica isso, pode ser o primeiro passo para reintroduzir. [0:31:54.6]

P5: Pois é melhor ter um ponto de partida e não começar a explorar, senão vou perder muito tempo. Mas quero ver se antes do final do ano [coloco a ferramenta a funcionar]. E agora estou com mais vontade, vou meter a ferramenta a funcionar! Não sei se é boa, se não é, mas tenho quase a certeza que é melhor do que [o que] estamos a fazer. (...) Ali não falta nada, já temos a ferramenta e está paga. (...) É só começar a usá-la. Eu, sinceramente, (...) como nunca vi a funcionar, aí era resistência minha. Pronto. Ou tem sido? Tem sido um bocado de resistência minha, como nunca vi a funcionar e não estava a perceber como é que ela me ia ajudar a ganhar tempo. (...) Agora, se vou buscar os (...) extratos em *Excel* ou banco daqueles clientes a que temos acesso e ele me faz logo metade da reconciliação. A maior parte da reconciliação [fica feita, depois] só ficam alguns movimentos para lançar. Bem, de certeza que me vai ajudar e vai-me poupar muito tempo. (7) [0:33:02.1]

A: Mas alguém quer apontar alguma competência específica que seja fundamental a uma pessoa? Um contabilista adquirir para se adaptar mais facilmente a esta nova realidade? (5) [0:33:20.0]

P3: Sim, sim. Fala. Fala. [0:33:22.1]

P6: Força. Força! Diga. [0:33:23.2]

P3: Diga não. Eu ia dizer que a gente, para além do programa de contabilidade, também temos um programa de apoio, que é o Gesto Obrigue. Por exemplo, o nosso programa também envia declarações automaticamente para a AT, mas tínhamos que enviar cliente a cliente. Então nós preparamos, por exemplo, as declarações de IVA e temos esse programa, que é o Gesto Obrigue, onde carregamos as declarações em lote já preparadas e ele envia. Pode enviar 10, 20 ou 30 declarações [de cada vez]. Também é uma boa ajuda em termos de contabilidade e nesta parte da contabilidade digital não é tanto no programa de contabilidade, é um *software* à parte, mas é muito útil. Ele envia os as DMR, tudo em lote. É uma grande ajuda. [0:34:15.4]

P7: Também funciona com o *SAFT online*? (..) Sim. [0:34:21.2]

P3: Sim. [0:34:23.2]

P6: Nós usamos dois. Usamos dois programas para essa funcionalidade. Cada um tem a sua, a sua funcionalidade. Temos programas, por exemplo, que fazem exatamente isso que estava a falar, P3. E depois, também dispara e-mails para os nossos clientes, com os cabeçalhos e tudo corretamente. Por exemplo, se quiserem pagamento a, são instrumentos de pagamento. Sim, esperar pagamentos por conta carrego carrega informação lá, por exemplo, o (...) [programa] já faz isso muito bem. Ele próprio vai dizer qual é o valor de um pagamento por conta. Isso é a parte da digitalização da contabilidade que facilita. Óbvio que nós vamos sempre fazer testes. Vou sempre testar se o valor [que me dá] a mim é o mesmo que dá ao programa. Em 60 ou 70 clientes fazemos teste ali em cinco ou seis para ver se aquilo bate. Ou então [testar] alguns clientes que tenham ali algumas questões particulares. Vou sempre pronto, requer sempre confirmação. Eu, apesar de trabalhar em contabilidade mais digital nesta parte dos automatismos, temos sempre esse cuidado. Acho que hoje em dia uma empresa que não utiliza o *online* ou um *CRM* para estas questões que a P3

estava a falar (..) começa a perder vantagem competitiva. Eu dou um exemplo muito prático: duas colegas que trabalhavam com atividade mais convencional. A minha colega dizia-me que todos os dias de manhã ia abrir a via CTT de cada cliente para ver se tinha caído alguma notificação. E digo isto "tu perdes uma manhã só de trabalho nisto". É verdade que a ferramenta, não sei se era por cliente, por mês, não sei qual é que é o preço. Mas digo assim se contabilizarmos as horas gastas todos os dias de manhã, isto justificava-se mesmo. Pago 100 € ao final do mês por 100 clientes, para teres uma ferramenta [para fazer automaticamente essas consultas] e tu vais poupar montes de horas. Coisas que estás a fazer manualmente. Por exemplo, nesta questão das vias [CTT] de certeza que o faz uma recolha toda a gente. E se houver notificações e carrego no botão ao fim de 01h00, vou lá ver se lá tem alguma coisa de jeito. Então o que aquela pessoa passava uma manhã inteira a fazer todos os dias eu clico viro costas [faço outra coisa] e quando lá vou já se houver alguma coisa, devia ter pendurados. Vou ter acesso a essa informação. Onde é crítico é um passo crítico. Temos que ver se confirmar esta questão da via CTT, que é por lá que vêm as chatices. (..) E depois até tem de sugerir para quem não adquire uma ferramenta destas não é assim tão caro. Quando vais fazer contas às horas que estás a gastar, a ver isto não é assim tão caro. Mas pronto, é uma questão das pessoas reconhecerem a vantagem que vão ter ao usar estas ferramentas e começar a ver ao final do mês. Olha, fiz mais, consegui fazer mais um ou dois ou três clientes por causa disto. (..) [0:37:17.2]

O: Deixem me só perguntar vos uma coisa: não acham que há, e até neste caso pergunto mais ao P5, mas os outros também podem responder, não acham que há algum desconhecimento das ferramentas que já existem [no mercado]? [0:37:29.2]

P5: Sem dúvida. Sim, eu ouvi [aqui] falar de ferramentas pela primeira vez. Sim. (...) [0:37:37.3]

O: Talento, além de algumas competências que possam ser necessárias. E o P5 há pouco falou que parte do pessoal que tem no gabinete vai ter alguma dificuldade em trabalhar (...) só que seja com os documentos digitais, quanto mais dar passos ainda mais alargados. Mas para além disso, também devia haver aqui uma formação, por

exemplo, da ordem, [ou] de outra entidade qualquer que disponibilizar, que fizesse fazer sentir aquilo que existe. Não acham isso? (..) Principalmente o P5. [0:38:10.8]

P5: Sim, claro. Sabe que eu estou a estranhar muito porque vou a formações da Ordem regularmente e reuniões e eu sei aquilo tudo. Eu e outro, pelo menos mais uma colega minha lá no escritório e estou a ouvir falar de algumas ferramentas pela primeira vez. Mesmo para mim a contabilidade digital era pronto, era o arquivo digital e pouco mais. Agora o P6, estamos aqui a falar deste tipo de ferramentas que pronto, parece-me assim uma coisa lá muito longe, lá muito à frente. E e estou a estranhar como é que eu não ouvi já falar nisto e conheço muitos outros contabilistas aqui na zona X e nunca falamos [disto] (...). Mas eu não tenho conhecimento destas [ferramentas digitais]. Não tinha mesmo conhecimento destas ferramentas. (..) [0:39:04.8]

P10: (...). [0:39:06.4]

P3: (...). [0:39:07.9]

P5: (...) [0:39:09.8]

P11: (...) [0:39:11.2]

P6: Desculpa P3. [0:39:13.6]

P3: Não naquela questão da ordem, acho que a ordem, como tem um programa, o TOC *Online*, eles têm muitos tutoriais e tudo o mais, [mas têm] tudo muito direcionado para o TOC *Online*. Como isso é tudo *softwares* que não tem nada a ver com Ordem, etc, eles não divulgam muito essas coisas. Não é que eles estão mais focados no TOC *Online*, porque é isso (...) é o produto que eles têm. [0:39:38.7]

P6: Sim, é mais fácil eles dizerem assim olha, tá aqui uma ferramenta para me lembrar disso, mas alguns programas chamam-lhe dossier fiscal. Outros programas chamam-lhe qualquer coisa fiscal. Em que isso acaba por nós. Já temos, por exemplo, via CTT, só conseguimos o nosso. O programa que trabalhamos. A contabilidade já permite ir ver um serviço, até porque não tenho a certeza, mas o *online* permite ver via CTT. É o CRM. Por acaso não sei se se permite, se não permite, como já fizemos

no passado, não vamos aí, mas é mais fácil a Ordem, (...) dizer assim, ok, está aqui uma ferramenta interessante. Vamos lá enquadrar isto também aqui, no *online* e não tanto por divulgação de ferramentas externas para estes fins. (5) [0:40:36.6]

A: Já passava, agora é só para outra questão, que é [a seguinte]: com todos estes automatismos que já falámos aqui, consideram que os serviços prestados de contabilidade vão sofrer alterações? Ou seja, vamos ter que apresentar uma via mais analítica ao cliente a falar mais com o cliente. Ou acham que vamos, como o P5, que se calhar é o que está aqui mais atrasado [na contabilidade digital], digamos assim, passar muitos dos nossos dias a continuar a fazer lançamentos e reconciliações. (4) [0:41:14.5]

P5: Pronto, (...) se aderíssemos à contabilidade digital teríamos mais tempo para. Informar o cliente não é? Se perder menos tempo de volta dos documentos, digamos assim, tenho mais tempo para falar com o cliente, para informar o cliente. Eu não tenho muitos clientes que queiram grandes informações, mas pronto, é esse o principal objetivo da contabilidade, não é? (..) Bem, ganhando tempo, poderíamos prestar um serviço melhor ou então, ganhando tempo, poderíamos arranjar muito mais clientes. Eu não sou o chefe. No meu escritório poderíamos arranjar muito mais clientes e ganhar mais dinheiro e ter na mesma os 100% do tempo ocupadíssimo. Pronto, são pontos de vista. Claro que tens razão. Agora sim poderíamos prestar um serviço melhor. É óbvio, Claro. (...) [0:42:07.1]

P8: (...) A propósito daquilo que o P5 acabou de referir. Portanto, no fim de contas, vê esta transformação ou vê uma possibilidade desta transformação ser para ter mais clientes? E ter mais clientes prestando o mesmo tipo de serviço? A questão é se vai haver sempre mais clientes? Não é porque na verdade isto não é exponencial. Portanto, eu penso que um pouco a pergunta que a A, ou melhor, aquilo que a A e que nós naturalmente pretendemos também perceber é o que é que mudará na profissão de contabilista se for de facto mais utilizada a tecnologia na prestação do serviço? O que é que muda? Porque muitas coisas passarão a ser automáticas. como estão a dizer já não se fazem as reconciliações bancárias como se faziam. Já não se lança um documento a documento, já não se envia uma declaração fiscal uma a uma e por aí fora, não é? E, portanto, quando começaram a fazer isso, o que é que

sentiram? O que é que sentiram que ganharam e o que é que sentiram que eventualmente tem que mudar na profissão e no serviço que prestam? Penso que era um pouco isto na hora. [0:43:59.1]

P12: Sim, sim. (...) [0:44:02.6]

P6: Quer dizer alguma coisa? (4) [0:44:07.4]

P8: P6 Começo E depois a P3 faz isto. [0:44:11.5]

P6: Às vezes penso sobre isso, que é até que ponto é que daqui a amanhã (...) conseguindo ultrapassar as tarefas do técnico de contabilidade [e do contabilista] (...). Até tinha inclusive um professor meu lá que me dizia que eu estava a trabalhar nisso. Fazia parte da equipa que estava a desenvolver [o SAFT]. Isso que era [o que] eles querem. Querem preencher as IES pelo chefe da contabilidade, Ou seja, não é preciso preencher e enviar se o SAFT da contabilidade internamente fica preenchida. (...) Mas é assim. Em vez disso, de outra forma, que é o tempo que nós estamos a gastar, a lançar faturas a mão, é que automatizamos esse processo e todo o tempo [ganho quando] automatizamos uma conciliação bancária vai-nos permitir ter tempo para conferências. Deixa-me conferir o balancete. Às vezes o mal acaba por ser esse. Perdemos muito tempo nestas tarefas repetitivas e depois temos pouco tempo para analisar um balancete ou então sugerir [coisas ao cliente] “Olha, temos aqui umas medidas fiscais, vamos lá aqui ponderar isto” e acabamos por ter mais tempo para essa parte, porque não estamos tão presos com as tarefas da documentação e das reconciliações bancárias. Acaba por sobrar mais tempo para esta parte. Acho que acaba por ser positivo, portanto, não tenho muito receio da questão do contabilista deixar de fazer falta. (...) Porque se mesmo com contabilistas certificados pelo meio como intermediários entre a relação cliente-Estado, às vezes há coisas esquisitas e imagino que fámos tirar o contabilista certificado, só mesmo certificado, todos os técnicos de fora. (...) Imagino o contabilista certificado sair. Ou seja, seria depositar toda a confiança que as coisas estavam a ser bem feitas por automatismos de contabilidade e que não regressem uma terceira pessoa por isso aí. Não, não, não acho que seja. (...) Mas está a acontecer em todas as áreas. Na auditoria. Os auditores despejam [nos programas] lá um SATF da contabilidade e o programa faz pop up. Onde é que poderão estar as questões que precisem de

analisar? Já não precisam de analisar contas, balancetes e extratos e contas, tudo de uma ponta à outra. (...) . A questão de automatizar, acho que vai trazer outros benefícios. Não acho que vai deixar de haver tanta gente a trabalhar em contabilidade por causa disso. E para mim, por exemplo, nós aqui no interior e também sobre localidade x, permite-nos, (...) com a digitalização da contabilidade, fazer contabilidade para [um cliente] na localidade y. Fazer contabilidade para o Algarve, para Lisboa, para as ilhas. (..) Que não permitiria se não fossem as ferramentas digitais da contabilidade. (4) (...) [0:47:51.4]

A: P3, por exemplo, no teu escritório, visto que já têm alguns automatismos, têm mais tempo para dedicar ao cliente e não estar sempre com as tarefas que digamos que levam mais tempo (...) com a contabilidade antiga, digamos assim. Sim. [0:48:09.9]

P3: Sim, sim. E noto muito isso que a gente desde o ano passado estamos a fazer essa transição aos poucos, portanto temos clientes meio e meio. Mas noto que vamos tendo muito mais tempo para, por exemplo, agora estamos a fazer já a análise do IRC e tentar dizer aos clientes que olhem no final do ano isto está a dar lucro, [ou] está a dar prejuízo; ter reuniões [com os clientes], coisas que antes não conseguíamos, porque andávamos sempre a correr atrás do prejuízo. Era o IVA. A seguir era outra vez o IVA, pois andávamos sempre a correr e agora conseguimos ter mais esse tempo de fazer análise das empresas antes de terminar o ano e tudo o mais, ter reuniões com os clientes. Noto muito isso. Sim. [0:48:56.6]

O: Estamos a falar de qualidade do serviço. [0:48:59.5]

P3: Sim, sim. Muito maior qualidade, muito mais reuniões para informar os clientes também aqueles que estão interessados com o P5, há bocado, referiu. Nem todos também estão interessados em ter esse tipo de reuniões, mas os que estão interessados fazemos sim. Agora temos muito mais tempo para dedicar a eles. (4) [0:49:25.3]

P13: (...) Eu acho que aquilo o que vai contar ou aquilo que o maior partido que vamos tirar daqui é de facto ficarmos com mais tempo para acrescentar valor ao cliente no serviço prestado. Porque o facto destas tarefas rotineiras passarem a ser

feitas de uma forma mais automatizada, permite-nos ter algum tempo livre para esse tipo de trabalho e serviço a entregar ao cliente. Portanto, acho que é aqui o fulcral, ou a palavra-chave é o acrescentar valor ao cliente. Com este tipo de análise e de poupança de tempo nestas tarefas. Eu não sei se me permitem fazer aqui, se calhar um bocadinho uma abordagem desde o início. (...). Vejo a [contabilidade digital] como uma otimização de processos usando as tecnologias, sejam aplicações ou outro tipo de ferramentas que temos ao nosso dispor. Obviamente os desafios são muito grandes e vejo os maiores desafios, inclusivamente mais numa vertente estrutural e não tanto numa vertente de tarefa, a tarefa. Ou seja, a contabilidade digital é muito vasta: O digitalizar um documento é apenas uma parte e será a parte mais fácil de concretizar, digo eu, e de pôr em prática. Nos gabinetes de contabilidade ou em qualquer empresa que façam contabilidade, há o problema para mim, a meu ver, o problema será mais estrutural. Porquê? Porque implica uma mudança de processos, uma análise para mudar esses processos. E o gestor tem que pensar nisso. Tem que pensar em proteção de dados, porque os dados vão ficar arquivados em *clouds*, *OneDrive*, por exemplo. E, portanto, temos aqui o RGPD também a ter em conta nestes processos digitais. E depois, e pegando um bocadinho nesta vertente, agora há de nos sobrar tempo para outras tarefas mais de análise, digamos assim. Também é preciso formar as pessoas neste sentido, porque nós temos hoje em dia uma realidade em gabinete de contabilidade, por exemplo, em que temos muitas das pessoas muito centradas no trabalho técnico e muitas delas, ou algumas, não estarão propriamente preparadas para fazer ou para dar o passo seguinte, que é fazer essa análise e fazer a tal reunião. Como a P3 estava a dizer, fazer a tal reunião com o cliente para entregar esse valor acrescentado de uma análise ou de uma abordagem mais de digestão, de ajuda ao cliente na gestão do negócio e não tanto naquela vertente técnica e fiscal que é [normal, atualmente]. [É importante poder dizer ao cliente, vamos poupar aqui uns euros em IVA, se você me enviar estes documentos. Portanto, aqui a questão ainda há muitas coisas a rever. O papel [do contabilista] ainda continua a existir, (...) [no digital] não é tudo digital. Quando nós dizemos que fazemos a contabilidade sem mexer num papel, a quem escuta, [há] alguém que fez um trabalho por trás que foi digitalizar os documentos que chegaram fisicamente ao escritório. Portanto, há aqui muitos passos a dar. Portanto, a contabilidade digital já é uma realidade, e é uma realidade presente. Temos que

olhar para ela nesse sentido. Mas haverá muita coisa ainda a fazer. Há, por exemplo, outra das questões que vejo a serem muito melhoradas também tem a ver com as próprias reconciliações bancárias. Penso que aqui, inclusivamente, a nossa Ordem pode ter um papel fundamental em reuniões e debates (...), com os próprios bancos e entidades bancárias. Nós temos hoje em dia ainda muitos bancos em que um extrato em *Excel*, por exemplo, sai muito formatado. Ainda tem que ser trabalhado manualmente o ficheiro para que nós possamos integrá-lo nos *softwares* contabilísticos e portanto, aqui há de facto coisas a melhorar para se conseguir ainda poupar mais tempo e para que o processo seja, de facto, todo muito mais digital e todo muito mais mecânico, usando todas as tecnologias que temos ao nosso dispor. (..) Portanto, é mais ou menos esta a minha ideia em relação a contabilidade digital. Não sei se já se falou aqui de muita outra coisa ou não. Não acompanhei tudo, mas. Mas queria deixar aqui também a minha opinião sobre isso. (..) [0:55:00.9]

A: Tocaste em quase todos os pontos que nós falámos, fizeste um resumo bastante bom do que foi esta reunião. Eu penso que foi bem consolidado. Agradecer também pela tua participação e perguntar se mais alguém tem alguma coisa a dizer sobre este tema. Se quer acrescentar algo a esta discussão. [0:55:20.7]

O: Eu queria perguntar uma coisa ao P5, até em ar de desafio. P5 acha que depois desta reunião que vai daqui com esta informação toda, alguma da qual não tinha (e eu acho que até é uma mais-valia a participação nestas reuniões, esta troca de opiniões e esta e conhecemos coisas que não conhecíamos. Eu próprio conheci coisas que não conhecia. Não foi só o P5). Quando chegar amanhã ao gabinete e que vai contar as coisas que aqui absorveu e as coisas que ficou a saber que existem. Acha que vai ser recebido de braços abertos ou vai haver aí muita aversão à mudança e muitos entraves? O quê? O que é que acha que vão reagir amanhã se chegar lá e contar aquilo que aqui ouviu? E as vantagens? E vamos comprar? E vamos fazer o quê? Como que é que acha que vão reagir? [0:56:13.2]

P5: Mas eu tenho a certeza que vai ser pago. (...) Há de haver uma outra colega [a aderir a estas ideias], talvez. Pronto, vou ter que ser eu [a liderar isto]. Mas enriqueci muito [o meu conhecimento sobre este tema] agora mesmo. Pronto. Aprendi aqui

muito, abri muito aqui as ideias. Havia aqui muita coisa que não fazia ideia que existia. [0:56:51.3]

O: Vou voltar a essa aversão, P5. Desculpe interrompê-lo. O que é que acha que vai ser o principal motivo? [0:56:58.2]

P5: (...) Não há qualquer confiança [nos processos automáticos]. É como elas dizem nos computadores, nas máquinas: Se não viu o papel, isto, isto é, a falar pelas minhas colegas, praticamente todas. Se eu não virem o papel, se não sentirem o papel [, não condiam no que seja feito]. Isto pode lhe parecer muito atrasado. Isto é a realidade aqui, e eu sei que [é assim]. [0:57:20.0]

O: É um bocadinho de medo de serem substituídas pela máquina também? [0:57:24.2]

P5: Eu acho que não é isso. Não, não é isso. É ter medo [da mudança e desconfiança do digital]. Olhe, por exemplo, o nosso programa anterior era o PMR. Antes de adotarmos o TOC *Online*, o PMR funciona em ambiente MSDOS e o TOC *Online* é na *internet*. Aquilo é uma complicação. Elas já estamos assim há quatro anos, começámos em 2021 e quem está habituada a mexer na internet sabe, por exemplo, o que é um link. Vê o *link* e clica no *link*. Elas estavam habituadas a clicar em quadradinhos. [0:57:57.5]

P10: E. [0:57:58.7]

P5: Em botões. Botões lá com o rato. E então toda essa habituação [à nova realidade] foi complicada. Ainda não está completa. Mas há ali muita desconfiança das máquinas. Isto tudo o que for agora ser implementado e que eu vou estudar e querem implementar e quer mostrar? Eu falei no TOC *Online* lá há cinco anos, antes dele ser implementado. E depois lá, lá vencemos. Pronto, com a ajuda de outras pessoas que mostraram à chefe que aquilo era melhor. Pessoas da Ordem. E agora eu vou ter que estudar, por exemplo, esta parte da reconciliação bancária. Fazer, aprender, começar a fazer e depois ir provar que realmente poupam tempo. Realmente é fácil. Aquelas pessoas lá, uma ou outra mais velhas que até pode ser mais fácil, mas eu estou habituado a fazer assim. Isto são [meios] mais pequenos. Eu

trabalho na localidade X, são 3000 habitantes, são pessoas que nunca saíram dali, que são das aldeias ali à volta. (...) [0:58:59.6]